D. M. LLOYD-JONES



A Situação CRÍTICA do HOMEM e o PODER de DEUS

PES

A Situação Crítica do Homem

e

O Poder de Deus

Dr. Martyn Lloyd-Jones

Digitalizado por: Jolosa

Publicações Evangélicas Selecionadas Caixa Postal 1287 - São Paulo, SP - 01059-970 www.editorapes.com.br

Copyright © by Martyn Lloyd-Jones

Todos os direitos reservados.
Publicado originalmente por Christian Focus Publications, Ltd., sob o título *The Plight of Man and the Power of God* by Martyn Lloyd-Jones,

Traduzido com permissão de:
Christian Focus Publications, Ltd.
Eanies House, Fearn, Ross-shire
IV20 ITW, Great Britain

Todos os direitos de tradução e edição para a língua portuguesa reservados à Publicações Evangélicas Selecionadas – Editora PES. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer meio impresso, eletrônico e digital sem autorização expressa dos editores.

Primeira edição: 2010
Tradução: Odayr Olivetti
Cooperador: Silas Roberto Nogueira
Capa: Wirley Correa dos Santos
Consultoria Editorial: Editorial Press
Impressão e Acabamento: Imprensa da Fé

Textos Bíblicos: todas as citações bíblicas, quando não indicadas, foram extraídas da ARC – Almeida Revista e Corrigida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lloyd-Jones, David Martyn, 1899-1981.
A situação crítica do homem e o poder de Deus /
Martyn Lloyd-Jones ; [tradução Odayr Olivetti]. --
São Paulo : Publicações Evangélicas Selecionadas, 2010.

Título original: The plight of man and power of God.
ISBN 978-85-63905-03-1

1. Pecado 2. Salvação - Ensino bíblico
I. Título.

10-10065 CDD - 234

Índices para catálogo sistemático:
1. Salvação : Teologia cristã 234

Índice

Prólogo do Dr. Mark Dever 7
1. A História Religiosa da Humanidade 11
2. Religião e Moralidade 31
3. A Natureza do Pecado 51
4. A Ira de Deus 73
5. A Única Solução 93

Nota Biográfica

O Dr. Martyn Lloyd-Jones (1899-1981) nasceu em Gales. Foi ajudante de leiteiro, um entusiasta político, um polemista e o principal assistente clínico de *Sir* Thomas Horder, o rei da medicina da Inglaterra. Mas, com a idade de 27 anos, desistiu de uma carreira médica muito promissora para se tornar pregador... Quando for escrita a história espiritual do século vinte, forçosamente incluirá, não somente a ampla e abrangente influência do ministério do Dr. Lloyd-Jones na Capela de Westminster, em Londres, de 1938 a 1968, mas também o extraordinário fato de que os livros de sermões expositivos publicados têm tido uma circulação sem precedentes dessa classe de material, já tendo sido vendidos milhões de exemplares.

A menos que seja feita indicação diversa, todas as citações bíblicas são da *King James Version*, (Versão do Rei Tiago) no original, e na presente tradução da ARC – Versão Almeida, Revista e Corrigida.

Prólogo

"Salvos do quê?!" Imponente, ele deu sua resposta vagarosamente, fazendo cair firme e fortemente todo o seu peso sobre a última palavra dessa interrogação, como se empurrasse para trás a pessoa. A "pessoa" era um cristão evangélico que estava compartilhando o evangelho. E aquele que respondeu com a pergunta exclamativa, "Salvos do quê?!", era um ministro que já tinha mais de sessenta anos de idade. Fiquei um tanto chocado quando ouvi esse homem relatar sua raspada com o evangelista. Afinal, ele era um ministro. Certamente sabia do que precisamos ser salvos. Mas não sabia. Realmente não sabia. E o seu contestante exultou por tê-lo empurrado tão diretamente contra a sua pretensão de que era um evangelista. Eu gostaria de ter em mãos um exemplar deste livro nessa ocasião.

Que é o evangelho? Você pode fazer um sumário dele? Teria alguma diferença do evangelho no qual creram os seus avós? Nestas cinco mensagens, (originalmente pregadas na Inglaterra em março de 1941), o Dr. David Martyn Lloyd-Jones, famoso pastor da Capela de Westminster, em Londres, dá a resposta. Fiquei impressionado com a clareza e com o poder da sua pregação.

Estas mensagens mostram a mente vigorosamente crítica

que o Senhor deu ao Dr. Lloyd-Jones (ou simplesmente "O Doutor", como era afetuosa e respeitosamente conhecido). Aqui ele expõe sobre a história da filosofia, da psicologia, da política, juntamente com a história dos tempos bíblicos e da Igreja. Ele pensa de maneira abrangente, e, todavia, sucinta e clara. E essa clareza de pensamento transfere-se muito bem para a página impressa.

A brevidade do livro só aumenta a força do seu impacto.

Nestas mensagens o Dr. Lloyd-Jones desnuda as pretensões dos que rejeitam o cristianismo bíblico ou tentam modificá-lo. Com clareza analítica e com o poder do evangelho, o Doutor investiga a segunda metade do texto de Romanos, capítulo 1.

Escrito contra o pano de fundo da guerra, Lloyd-Jones repudia a lamentável ignorância dos que afirmam a realidade da bondade humana e que veem a guerra como uma aberração do nosso estado natural. Romanos, capítulo 1, contradiz essa ideia inteiramente, diz Lloyd-Jones. "O Doutor" mostra que o nosso conceito do homem é fundamental. No capítulo sobre "A História Religiosa da Humanidade", Lloyd-Jones discorda inteiramente da história da escola das religiões, e de toda e qualquer ideia de que o homem está ficando melhor. O autor examina Romanos e a história humana e afirma que sua clara mensagem é que estamos em difícil situação espiritual.

Em sua segunda mensagem, "Religião e Moralidade", ele examina o assunto e mostra que a moralidade deve preceder à religião e dela decorrer. Isto vai contra a tendência atual de tentar ter moralidade sem religião. Essa irregularidade é um erro que traz consigo profundas implicações, não sendo a

menor delas que faz mirrar a própria moralidade que procura exaltar. A moralidade não se sustenta sozinha. Quando o evangelho se vai, as práticas da bondade e do bem vão logo atrás.

Toda a terceira mensagem ["A Natureza do Pecado] ocupa-se da doutrina do pecado, uma doutrina que Lloyd-Jones identifica como uma das doutrinas cristãs mais odiadas e mais ridicularizadas. Qual é o nosso maior problema? O pecado. O Doutor delineia teorias da natureza humana rivais e mostra alguns dos seus defeitos. O pecado, diz ele, seguindo o argumento de Paulo, é deliberado, degradante e repulsivo. Romanos, capítulo 1, é tão profundamente penetrante hoje como o foi na década de 1940.

As três primeiras mensagens levam-nos ao fundo do poço. Exploram a nossa horrorosa situação. E nos levam à quarta, sobre "A Ira de Deus". Lloyd-Jones é explícito ao retratar a ira de Deus contra o pecado. Baseado em ambos os Testamentos, ele deixa claro que os conceitos oriundos do sentimentalismo distorcem a descrição bíblica de Deus. Só representando fielmente o compromisso de Deus com a justiça e com a santidade podemos informar apropriadamente o nosso entendimento do Seu amor.

Essas foram as quatro mensagens apresentadas por Lloyd-Jones. Na ocasião ele disse que sentia que elas precisavam de mais uma, que finalmente focalizasse mais positivamente "A Única Solução". E assim, quando chegou a hora de fazer a publicação, o Dr. Lloyd-Jones proveu um capítulo final extra. Como um sumário do evangelho, poucos capítulos prestarão melhor serviço a você.

Em termos gerais, o que temos nestas cinco exposições é

o evangelho explicado com grande clareza e esperança. Hoje mesmo eu usei estes capítulos atemporais com um amigo não cristão que está procurando entender o cristianismo. Recomendo estas mensagens a você.

Mark Dever, Capitol Hill Baptist Church,
Washington DC

1

A História Religiosa da Humanidade

> *"Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu."* – Romanos 1:21

Todos nós estamos familiarizados com os dizeres que nos lembram que às vezes temos que "ser cruéis para sermos bondosos". E sabemos que essa verdade deve ser aplicada na esfera da educação das crianças e na da maneira de lidar com enfermos. As condições podem ser tais que se atende melhor ao interesse da criança ou do paciente causando-lhe dor temporária. É uma tarefa difícil, tanto para os pais como para o médico, e por isso eles recuam diante dela e procuram evitá-la o mais que podem. Mas, se o pai ou o médico têm de coração interesse pelo outro, simplesmente terá que fazê-la.

Pois bem, parece-me que esse é o princípio que a Igreja é chamada a pôr em prática no presente, se é que ela há de funcionar verdadeiramente como igreja de Deus nesta hora

de crise e de calamidade. Que ela recua e evita agir desse modo é igualmente evidente, tanto no caso da Igreja em geral, como no dos indivíduos (e lembremo-nos de que igreja sem nós é coisa que não existe). É sempre mais agradável amenizar e confortar do que causar dor e provocar reações desagradáveis

Mas certamente chegou a hora de tratar da situação atual do mundo e considerá-la de maneira radical.

Nada pode ser mais fatal do que a impressão que se tem em geral de que a única tarefa da Igreja é acalmar e confortar os homens e as mulheres que se tornaram infelizes por causa das presentes circunstâncias. Digo "a única tarefa", pois, naturalmente, todos nós devemos dar graças a Deus pela maravilhosa e estupenda consolação que só o evangelho pode dar. Mas, se dermos a impressão de que essa é a única função da Igreja, em parte justificaremos a crítica que lhe é feita de que a sua principal função é fornecer algo como ópio para dopar as pessoas. No início, sob o choque imediato da guerra, era essencial que recebêssemos palavras de ânimo e de consolação; mas, se a Igreja continuar a fazer isso e nada mais, certamente daremos a impressão de que o nosso cristianismo é uma coisa muito fraca e sem vida. O ministério de conforto e de consolação é parte integrante da obra da Igreja, mas, se ela dedicar toda a sua energia unicamente a essa tarefa, como em geral fez durante a última guerra,[1] provavelmente emergirá desta presente dificuldade com suas fileiras ainda mais esvaziadas e tendo ainda menor valor para a vida do povo.

De igual modo, se ela se contentar com nada mais que vagas declarações destinadas a ajudar e a encorajar o esforço

[1] Primeira Guerra Mundial, 1914-1918. Nota do tradutor.

nacional – se ela se limitar apenas a tentar acrescentar um lustre espiritual às declarações e aos discursos dos líderes seculares do país – embora possa receber certa monta de aplauso e de popularidade temporários – e deixar-se empregar pelas "potestades que há", por fim será desacreditada aos olhos dos que têm discernimento.

Além de qualquer outra coisa, a Igreja contentar-se com uma daquelas duas atitudes, ou com um combinação de ambas, significa que se coloca numa posição puramente negativa. Ela fica meramente usando paliativos para os sintomas, em vez de tratar positiva e ativamente da doença. Ela está simplesmente tentando seguir a maré das dificuldades, ou, para mudar a metáfora, ela está fazendo o mero papel de acompanhador, em vez de solista. Ela está respondendo a uma declaração, em vez de proferir o desafio que lhe cabe lançar, e com isso fica parecendo um tanto atemorizada e confusa. Da mesma maneira, e aqui falo mais especialmente àqueles de nós que somos evangélicos bíblicos, não devemos continuar com a nossa vida e com os nossos métodos religiosos precisamente como se nada estivesse acontecendo ao redor de nós e como se estivéssemos vivendo nos espaçosos dias de paz. Pegamos amor por certos métodos. E que prazerosos eram! Que é que poderia ser mais gostoso do que termos e desfrutarmos a nossa religião da forma como a conhecemos e a experimentamos por tanto tempo? Como era delicioso sentarmos e ouvirmos! Que banquete intelectual, e quiçá também emocional! Mas, que pena! Quão inteiramente alheia ao mundo no qual vivemos essa religiosidade tem sido tantas vezes! Quão pouco ela teve para oferecer aos homens e às mulheres que jamais conheceram os nossos antecedentes

e a natureza da nossa vida, e que ignoram o nosso "dialeto" peculiar e até as nossas pressuposições! Mas, de qualquer forma, quão desligados e quão fechados em nós mesmos, quão distantes do mundo que se agita em meio a dificuldades e que está com os alicerces de tudo quanto há de mais altamente prezado sendo sacudidos e abalados!

Cabe-nos despertar e reaprender que, embora o nosso evangelho é atemporal e imutável, é, não obstante, sempre contemporâneo. Devemos enfrentar a presente situação e temos que dizer ao mundo uma palavra que ninguém mais pode dizer.

Há muitos motivos pelos quais devemos fazer isso. A necessidade do mundo, sua agonia, sua dor, sua enfermidade, exigem de nós que o façamos. Faz parte da comissão original dada à Igreja. Ela é uma devedora, no sentido em que Paulo descreve a si próprio no versículo catorze deste capítulo. Há, na verdade, alguns que dizem que, se a Igreja falhar na presente crise, se não se der conta de que a sua própria existência está em jogo, a maior consequência do presente estado conturbado do mundo será o fim da Igreja. Essa é uma proposição da qual eu discordo totalmente. A Igreja continuará existindo porque é a Igreja de Deus e porque Ele a sustentará até que a Sua obra estiver completa. Mas, se falharmos, é bem provável que vejamos a Igreja enfraquecida em número e em poder num grau tão alto como não se viu por séculos. E, acima de tudo, teremos sido traidores da Causa.

Devemos tratar da presente situação como realmente ela é. Mas a maneira de fazê-lo é de vital importância. E é por isso que devemos estar dispostos a "ser cruéis para sermos bondosos". Se estamos desejosos de ajudar e de proclamar a

palavra redentora, devemos antes de tudo devassar a ferida e revelar o problema. Não se pode fazer isso sem dar surgimento a alguma dor e, talvez, também a alguma ofensa. E isso, por sua vez, nos fará impopulares e malquistos, num sentido em que jamais o seríamos se meramente lisonjeássemos o mundo, ou se o ignorássemos nisto ou naquilo inteiramente, enquanto desfrutávamos nossa religião. Digo de novo que o fracasso da Igreja por não tratar vital e realisticamente da situação havida durante a última guerra é um dos capítulos mais tristes da história da Igreja Cristã.)

Esse erro nunca mais deve ser repetido, custe o que custar. A última guerra foi considerada como uma espécie de interlúdio no drama da vida, e os homens, não compreendendo que foi na verdade uma parte essencial e inevitável do drama, simplesmente esperaram o fim dela para poderem reassumir sua posição no ponto que haviam sido deixados de repente em agosto de 1914. O real problema não foi encarado. Mas, certamente, a história dos vinte anos recém-passados e o presente cenário forçam-nos a encarar o problema. A nossa atitude não deve ser a de apenas esperarmos o fim da guerra para podermos reassumir as nossas atividades normais. Temos que ser mais ativos do que nunca, e especialmente em nosso pensamento.

A grande pergunta central é a seguinte: por que o mundo está em suas atuais condições? Mas essa questão precisa ser considerada muito particularmente à luz do ensino que tem sido muito popular durante os cem anos passados concernente à vida. As coisas estarem como estão já é suficientemente ruim. Entretanto, quando as contrastamos com os brilhantes e otimistas quadros descritivos da vida que nos têm sido

apresentados tão constantemente, o problema sobe às alturas. A guerra de 1914-1918, como se tem dito, foi considerada como uma estranha e inexplicável pausa na marcha do progresso humano. O progresso continuaria após a guerra. E aqui estamos nós em nossas presentes circunstâncias! Como se pode explicar isso tudo? Qual será a causa do problema?

Certamente só pode ser óbvio, agora, que toda a visão da vida era inteiramente errônea e falsa. Mas é óbvio isso? É óbvio para todos nós que nos dizemos cristãos? Acaso muitos de nós não nos temos regozijado por anos e anos com o que considerávamos como o progresso inevitável do mundo – e isso com muito gosto? Não temos sentido em nosso íntimo que o mundo se tornou um lugar melhor, apesar da diminuição do número de membros e de sua frequência à Igreja, e apesar da óbvia deterioração do teor geral da vida? Enquanto o mundo vem sendo arrastado gradativa mas inexoravelmente para a sua presente situação, a voz da maioria, longe de emitir advertências de alarme, ao contrário se alegra com as maravilhosas realizações do homem e com o raiar de uma estupenda nova era da história humana.

Só pode haver uma explicação disso: essa visão da vida é uma visão trágica e fundamentalmente errada.

É com a finalidade de expor essa falácia e de revelar a verdade, que eu chamo a sua atenção para esta segunda metade do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos. Não conheço outra passagem que descreva tão acuradamente o mundo atual e a causa do problema. Na verdade, não existe nada na literatura contemporânea que descreva tão perfeitamente o cenário atual. É uma passagem terrível. Melanchton descreveu

o versículo dezoito como "um exórdio tão terrível como um raio". E ele não tem somente a qualidade terrificante do raio, mas tem também seu poder de lançar luz. Estou ansiosamente desejoso de considerar com vocês a referida passagem, pois ela revela algumas das falácias mais comuns subjacentes ao texto, falácias responsáveis pela falsa visão da vida que tem iludido a humanidade por tanto tempo.

(A primeira questão na qual a nossa atenção deve envolver-se é a idéia que o homem tem de si mesmo, e especialmente em sua relação com Deus.)

Não há necessidade de indicar quão fundamental é este assunto. Pois a nossa abordagem geral do homem e seus problemas vai depender da nossa visão do homem. E em parte alguma, talvez, a completa antítese entre a visão bíblica e a visão popular dos anos mais recentes é mais evidente que aqui. A segunda metade do século dezenove sempre será lembrada como um período de imensa atividade intelectual e de muita pesquisa científica. Contudo, talvez não estejamos plenamente cientes de todas as mudanças operadas como resultado desse esforço. Mas, certamente, nada foi mais extraordinário, como fato resultante direto disso tudo, do que a mudança que teve lugar no conceito sustentado sobre o homem. No momento não é do nosso interesse e não temos tempo para tratar da questão geral do novo conceito, que passou a estar em voga, sobre a origem e o desenvolvimento do homem. Agora o nosso interesse recai mais no conceito concernente à relação do homem com Deus que passou a existir modernamente. Ao mesmo tempo, desejamos indicar que o mesmo princípio determinante geral é eliminado aqui, como na outra questão – o princípio de crescimento e desenvolvimento. De fato,

pode-se ver esse princípio passar por todas as ideias ou visões da vida e do homem que se tornaram correntes durante aquele período. Na esfera da religião, a tendência geral deu surgimento a uma nova ciência – ou a algo que é denominado ciência – qual seja, o estudo de religiões comparadas. Isto surgiu em parte como resultado dos movimentos de colonização do século anterior e em parte, também, como resultado dos fatos que vieram à luz em conexão com a obra de várias sociedades missionárias. Aonde quer que os homens iam, descobriam que nativos e selvagens tinham, todos, uma ou outra forma de religião. Gradativamente, foram observando essas religiões e tomaram interesse especial por observar o tipo de religião encontrada em relação ao tipo de pessoas entre as quais ela foi encontrada. Eventualmente, com base nisso tudo, foi proposta uma teoria no sentido de que se deveria ver na história do homem um certo e definido desenvolvimento e evolução, num sentido religioso.

Foram marcados claramente passos e estágios, indo do modelo mais primitivo para o mais altamente desenvolvido. Não podemos entrar nos detalhes, mas aqueles que pertenciam a esta escola nos diziam que o homem, em seu modelo mais primitivo, acreditava num vago espírito que residia nas árvores, nas rochas e noutros objetos – animismo. A seguir vinha uma espécie de magia, depois o culto aos ancestrais e o totemismo, o culto a espíritos, o feiticismo, etc., até que se atingiu um estágio que pode ser descrito como politeísmo – um estado de coisas que havia na Grécia e em Roma no tempo do nosso Senhor. Finalmente, dessa forma de crença passou-se à fé em um só Deus – monoteísmo.

Tudo isso visava mostrar que, inata no homem, há uma

lei que o compele a procurar Deus e a chegar a Ele. No tipo mais primitivo e menos inteligente, é o que nos diziam, essa lei está presente, e, conforme o homem cresce, se desenvolve e progride, a ideia se torna mais refinada e mais nobre, até que finalmente chegamos à crença dos judeus num Deus santo e justo. Na verdade, os que sustentavam esse conceito ou visão afirmavam que o que eles, por isso, puderam elaborar como teoria com base nos dados oriundos da sua observação, também foi confirmado pelo que eles acharam no próprio Velho Testamento. Ali, diziam eles, pôde-se ver claramente um desenvolvimento gradual da ideia de Deus sustentada pelos filhos de Israel.

O ponto importante é que essa teoria pressupõe que, por natureza, o homem é uma criatura que está sempre em busca e sedento de conhecimento de Deus e de comunhão com Ele, e que Cristo é o Homem que penetrou mais fundo e subiu mais alto nesse esforço. Claro está que, para alguns, essa teoria só provou que Deus é realmente não existente, e que o desenvolvimento que se deve observar nada mais é que um gradual refinamento e melhoramento, e uma tentativa de propiciar respeitabilidade intelectual a algo que originalmente era um mito nascido do medo da vida, sendo este sua base.

Essa é, então, a teoria e ideia sustentada por muitos. Que temos para dizer a isso?

Estou dirigindo a atenção de vocês a esta passagem de Romanos, capítulo 1, a fim de podermos ver quão falsa é essa ideia. Podemos dispor o nosso assunto sob os seguintes pontos:

(i) É uma ideia que falseia a história bíblica. O apóstolo

Paulo lembra aos romanos, e portanto a nós, que os fatos reais e concretos desaprovam inteiramente essa teoria. Ele se desdobra para mostrar que o mundo inteiro é culpado diante de Deus. Ele o faz mostrando-nos que todos estão sem escusa. A maneira pela qual ele demonstra isso é expondo que no princípio Deus, tendo criado o homem, revelou-se a ele. Não somente revelou o Seu poder eterno e a Sua divindade na natureza e na criação, baseados em cuja veracidade todos os homens deveriam refletir e ceder à realidade de Deus, mas também, em acréscimo, colocou dentro do homem, em sua natureza, um conhecimento, uma notificação e uma acepção de Deus que deveriam levar o homem a Deus. Diz o apóstolo Paulo que o homem teve, desde o início, o conhecimento de Deus, e, se este lhe falta agora, é porque ele o suprimiu deliberadamente e o perdeu. A história do homem com respeito a Deus, segundo o apóstolo, não é a história de um progresso com desenvolvimento e elevação gradativos, mas, antes, uma história de declínio e queda – um retrocesso, uma degeneração.

E, certamente, uma leitura justa do Velho Testamento mostra que foi isso que aconteceu. O homem começou sua trajetória no mundo em comunhão com Deus e num estado de felicidade. Foi em consequência do seu ato, do seu pecado, que essa comunhão se rompeu e os problemas do homem começaram. Por algum tempo esse conhecimento e esse reconhecimento de Deus continuaram e persistiram, mas, quando lemos a narrativa, podemos ver que se tornaram cada vez mais obscuros. E, à medida que o conhecimento de Deus diminui, a vida se deteriora.

Lembro a vocês que até Abraão foi criado num estado de

idolatria. Até a linhagem especial de Sem se havia deterio rado e havia abandonado este verdadeiro conhecimento d Deus. Em seguida, Deus toma Abraão e lhe faz a revelaçã especial de Si. Esta é transmitida a Isaque e a Jacó, e, depois aos filhos de Israel. Que foi, porém, que aconteceu con eles? Basta vocês lerem a história deles para verem qu sempre houve neles a mesma tendência que se manifest nos outros ramos da raça humana. Longe de terem o desej de aproveitar-se positivamente da sua singular posição do seu conhecimento igualmente singular, ou do desejo d sondar mais profundamente o mistério, vemos, antes, nele uma tendência de retornarem a um culto idolátrico e a politeísmo, e até a formas ainda mais baixas. Na verdade a história geral do Velho Testamento pode muito bem se resumida como a narrativa de Deus, por meio de Seus servos lutando para preservar o conhecimento de Si no meio d um povo recalcitrante, sempre tendente a decair adotand formas inferiores de religião. Nenhum desenvolvimento mas definida retrogressão.[2] O ponto que defendo é que, s isso aconteceu, como realmente aconteceu, com esse pov especial ao qual Deus dava renovadas, definidas e singulare revelações e manifestações de Si, é obviamente ridícul afirmar que o resto da humanidade estava constantement buscando e lutando por um conhecimento cada vez mai completo de Deus.

Israel não chegou à sua fé no Deus único devido à su luta e a seu esforço. Deus se lhe revelou de maneira única. O filhos de Israel não procuraram Deus – eles sempre e sempr

[2] Faço uso do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado em 2009 por iniciativa da Academia Brasileira de Letras. Nota do tradutor.

se afastavam de Deus. Este os buscava sempre que se afastavam e continuava a guiá-los, apesar de sua pertinaz desobediência. Vê-se, pois, que a história bíblica nos mostra claramente que toda a humanidade, que começou tendo conhecimento de Deus e uma vida correspondente a esse conhecimento, caiu e distanciou-se desse conhecimento, e que a sua tendência sempre foi de afundar cada vez mais e de afastar-se cada vez mais dele. O homem não avançou do animismo, do feiticismo etc., rumo ao monoteísmo; ele se degenerou, seguindo a direção oposta.

(ii) Mas essa teoria acerca do homem falseia também a história do homem subsequente à história bíblica. Não há nada que seja mais característico da história da Igreja do que a estranha periodicidade que se vê nos fatos narrados. Num sentido, a história da Igreja é uma constante série de períodos alternantes de progresso e declínio, de avivamento espiritual e espiritual apatia. Sem ir mais longe, podemos ver isso muito claramente na história da Igreja em nosso próprio país. Se a doutrina do progresso e desenvolvimento fosse verdadeira, esperaríamos que cada avivamento levasse inevitavelmente a um progresso ainda maior, que os homens, tendo sentido o estímulo e o ímpeto de um grande período de bênção, redobrassem seus esforços e continuassem crescendo e se desenvolvendo numa intensidade sempre crescente. Mas, não é o que tem acontecido. O fervor da Reforma Protestante logo começou a passar e a evanescer. Veio depois o período puritano, quando o povo deste país, daquele tempo, pode ser descrito como piedoso e temente a Deus – um dos períodos mais nobres da nossa história. Mas logo deu lugar à era da Restauração, com todo o seu pecado e vergonha.

Quem poderia acreditar que a Inglaterra da parte inicial do século dezoito, nos temos em que é descrita, por exemplo, no livro, *England Before and After Wesley* (A Inglaterra Antes e Depois de Wesley), é a mesma Inglaterra dos puritanos? E assim continuou a ser sempre, desde aquele tempo. Isso não é verdade só quanto ao país em geral, mas também quanto a distritos particulares, a particulares locais de culto, e até quanto a pessoas em particular. Comparem este país como ele é hoje, e como tem sido durante os vinte anos passados,[3] com a Inglaterra de meados do período vitoriano.

(iii) "Mas que dizer das evidências das religiões comparadas às quais você se referiu?", alguém perguntará. Fico muito feliz em responder a essa pergunta, pois aqui, como em muitas outras esferas, está se descobrindo que, quanto mais pesquisa se faz, mais se confirma o ensino bíblico. Nada foi mais característico do fim da era vitoriana do que a maneira pela qual teorias foram exaltadas à posição de fatos, e se faziam generalizações radicais com base em evidências realmente inadequadas, sem mais confirmação e suporte. Naturalmente, a tragédia é que, uma vez que as ideias ganham circulação, requer-se muito tempo para desfazer a sua nefasta influência e os seus não menos nefastos efeitos. O homem comum – sim, e não poucas vezes das escolas também – muitas vezes está muitos anos atrás das últimas descobertas. Pois o fato é que no campo das religiões comparadas, as mais recentes evidências dão, definitivamente, suporte à Bíblia, e isso está sendo reconhecido cada vez mais por eruditos de boa reputação.

Vejam, por exemplo, as duas seguintes passagens de um

[3] De cerca de 1920 em diante. Nota do tradutor.

artigo sobre Religiões Comparadas publicado na revista *Expository Times*, de novembro de 1936: "O primeiro ponto resultante do estudo das culturas mais primitivas é a clara, vívida e direta fé num Ser Supremo que se acha nelas. Vê-se que essa fé ocupa uma posição dominante entre todos os povos primitivos. E só pode ter estado profundamente arraigada nesta mais antiga das culturas antigas, no raiar mesmo do tempo, antes de os grupos individuais se separarem uns dos outros". E mais: "Os resultados do nosso estudo dos povos mais primitivos, breve como foi, parece justificar a nossa convicção de que a religião começou com a crença num Alto Deus". Semelhantemente, o Professor C. H. Dodd, em seu comentário da Epístola aos Romanos, diz: "É discutido entre as autoridades em estudo comparativo das religiões se, de fato, o politeísmo é ou não uma degeneração de um monoteísmo de alguma espécie; mas ao menos há uma surpreendente soma de evidências de que entre muitos povos, não somente nas civilizações mais elevadas da Índia e da China, mas também nos povos bárbaros da África Central e da Austrália, uma crença nalguma espécie de Espírito Criador subsiste ao lado de cultos supersticiosos de deuses ou demônios, muitas vezes com uma percepção ora mais ora menos obscura de que essa crença pertence a uma ordem superior ou mais antiga" (p. 26), com referência às evidências dadas na obra de Soderblom, *Das Werden des Gottesglaubens* [O processo de transformação da fé em Deus]. Depois há a obra verdadeiramente monumental do padre W. Schmidt (um de cujos livros foi traduzido para o inglês e tem o título de *The Origin of Religion*, A origem da religião),

que apresenta a mais notável prova no mesmo sentido.[4]

Noutras palavras, cuidadosa investigação científica entre as raças e tribos mais primitivas e mais atrasadas do mundo apresenta provas nessa direção. Tal crença no Alto Deus entre tais povos será completamente inexplicável, se não se levar em conta o que a Bíblia nos diz. Por mais longe tenham ido e por mais fundo os pesquisadores tenham afundado, permanece esta memória e esta tradição daquilo que no início

(iv) Mas eu desejo mostrar-lhes que essa teoria, inteiramente à parte das provas que eu aduzi, é obviamente falsa, ainda que fosse meramente do ponto de vista do nosso conhecimento da natureza do homem. Quão completamente monstruoso é postular essa ideia de que, por natureza, o

[4] Creio que é útil transcrever aqui o que li sobre W. Schmidt no livro *The Origin of Religion, Evolution or Revelation,* de Samuel M. Zwemer, professor, em Princeton, de História da Religião e das Missões Cristãs (Nova Iorque, Loizeaux Brothers, 1945, quatro anos e pouco depois de Lloyd-Jones ter pregado as mensagens que compõem o presente livro). Diz Zwemer que Schmidt foi fundador da revista *Antrhropos* e professor de etnologia e de filologia na Universidade de Viena, e, sobre sua "exaustiva obra ... acerca da origem da ideia de Deus, *Der Ursprung der Gottesidee*", programada para seis grossos volumes, diz: "Nos cinco já publicados, ele pesa na balança as diversas teorias de Lubbock, Spencer, Tylor, Andrew Lang, Frazer e outros, e as acha em falta. A ideia de Deus, conclui ele, não veio por evolução mas pela revelação, e as evidências, juntas, analisadas e esquadrinhadas com a acuidade própria dos especialistas, é totalmente convincente". O livro de Zwemer foi dedicado a Schmidt, "Professor na Universidade de Viena, distinguido erudito e antropólogo, fundador e editor de *Anthropos*, autor de muitos livros sobre a Igreja e sobre o crescimento da religião, e cuja grande obra sobre A Origem da Ideia de Deus permanecerá para sempre como um monumento de erudição e de pensamento inspirador". Nota do tradutor.

homem está imbuído desta sede e deste anseio de conhecer Deus, quando vocês veem o homem moderno! Segundo essa teoria, nós, vivendo como vivemos hoje, e com todas as nossas vantagens de aprendizagem e de entendimento, e mais, com a grande vantagem de termos à nossa disposição o resultado das evidências de tudo quanto se passou, deveríamos estar no topo da escada.

O nosso conhecimento deveria ser maior, e o nosso desejo de ter mais conhecimento deveria ser maior ainda. Se não fosse trágico, seria risível tal opinião. Como é fácil acomodar-se num escritório e elaborar uma teoria dispondo as evidências peça por peça no papel. Tudo parece encaixar perfeitamente, e, se não encaixar, com a completa liberdade do teórico é muito fácil manipular os dados e fazer novo arranjo. Dessa forma os homens, com seu desapego acadêmico, têm teorizado sobre tribos e selvagens primitivos. Se eles tivessem simplesmente andado pelas ruas ou entrado nos clubes noturnos do West End, ou nas cabanas do East End,[5] logo teriam visto como é falso o conteúdo central da sua hipótese. Continua sendo uma verdade que "o estudo próprio da humanidade é o estudo do homem". O que é verdade quanto ao indivíduo é verdade quanto a todos. O que é verdade quanto a cada um de nós é verdade quanto a todos. E o fato é que dentro de nós está a prova final de que o que o apóstolo Paulo diz é certo: há no homem este antagonismo contra Deus: "A inclinação da carne é inimizade contra Deus" (Romanos 8:7). O homem, por natureza, sempre quer romper caminho e ir para longe de Deus, e o apóstolo Paulo nos diz precisa e exatamente por que é assim e como essa tendência se mostra.

[5] Zonas do extremo oeste e do extremo leste de Londres. Nota do tradutor.

Isso se deve, primeiro, ao espírito de insubordinação inerente à natureza humana: "Tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus". Os homens se aborrecem com a simples ideia de Deus e acham que ela significa e implica que, de certo modo, a sua liberdade é cerceada. Eles acreditam que são aptos para agir como "senhores do seu destino e capitães de suas almas", e, acreditando nisso, exigem o direito de administrar a si mesmos a seu modo, e de viver suas vidas como lhes apraz. Recusam-se a servir e glorificar a Deus. Eles O negam e Lhe dão as costas, e dizem que não precisam dEle. Repudiam a Sua filosofia de vida e sacodem para longe deles o que consideram escravidão e servidão da religião e de uma vida controlada por Deus. É por isso que o homem sempre tem se afastado de Deus. Ele confunde ilegalidade e licenciosidade com liberdade; é rebelde contra Deus e se recusa a glorificar a Deus.

Mas essa tendência deve-se também a um elemento brutal da natureza humana. Que outra coisa, senão essa, descreve adequadamente o que Paulo declara com as palavras: "Nem lhe deram graças"? Se Deus fosse tão somente um legislador, poderíamos, em certo sentido, entender a rebelião do homem contra Ele. Mas de Deus vem "toda boa dádiva e todo dom perfeito" (Tiago 1:17). Ele é "a origem e a fonte de toda bênção". Todavia, o homem O despreza. Logo no princípio, e a despeito do fato de que Deus o tinha colocado em condições perfeitas no Paraíso, com tudo o que ele poderia desejar, o homem prontamente acreditou na vil insinuação de satanás contra o caráter de Deus. Esqueceu toda a Sua bondade e amabilidade. E isso continuou e continua. Observem-no na história dos filhos de Israel. Apesar de toda a paciência de Deus com

eles, e de Sua bondade para com eles, constantemente Lhe davam as costas. Nada é tão terrível, no registro sobre eles, como a sua abjeta ingratidão.

No entanto, a demonstração culminante disso na história de Israel, como na história da humanidade em geral, vê-se na rejeição de Jesus Cristo, o Filho de Deus. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito." Sim, deu-O entregando-O à cruel morte no Calvário, para que o homem fosse perdoado e absolvido. Acaso a humanidade em geral Lhe dá graças por Ele fazer isso? Mostra e expressa a sua gratidão submetendo-se a Ele e procurando viver para honrar e glorificar Seu nome? O certo é que não há nada que a humanidade deteste e odeie tanto como a suprema dádiva do amor e da misericórdia de Deus. "O escândalo da cruz" (Gálatas 5:11) continua sendo o maior escândalo do evangelho cristão. "Nem lhe deram graças." Se o homem faz objeção à lei de Deus, faz maior objeção à verdade segundo a qual a sua salvação depende única e exclusivamente da graça e da misericórdia de Deus.

E assim é, naturalmente, pela razão expressa no terceiro passo do apóstolo Paulo nesta história do declínio e queda da humanidade, tendo ela repudiado o conhecimento de Deus. É o orgulho do homem. "...antes em seus discursos se desvaneceram. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos." Noutras palavras, o passo final é rejeitar completamente a revelação de Deus e substituí-la por suas ideias e por seus raciocínios pessoais. Os homens recusam o conhecimento de Deus que lhes é oferecido e dado, rejeitam as estupendas obras de Deus, mas, sentindo falta e necessidade de uma

religião, passam a fazer seu próprio deus ou seus deuses, e depois os adoram e os servem. O homem crê em sua mente e em seu entendimento, e o maior insulto que se lhe pode fazer é dizer-lhe, como Cristo lhes diz, que eles precisam tornar-se como criança e nascer de novo.

Aí estão, pois, os passos. Voltaremos a considerá-los mais pormenorizadamente nas preleções subsequentes. Mas aí está o quadro geral. O homem se rebela contra Deus como Ele é e como Ele Se revela. O homem odeia a Deus até por Sua bondade. E então passa a fazer seus próprios deuses. Essa história não descreve a humanidade só em seu princípio; é uma precisa e exata descrição dos recém-passados cem anos, e especialmente dos passados quarenta anos.[6] Seja o que for que nos proponhamos fazer acerca do nosso mundo, sejam quais forem os planos e ideias que tenhamos quanto ao futuro, se ignorarmos este fato básico, tudo será em vão. Ser bondoso e indulgente empregando vagas generalizações acerca do homem e do seu desenvolvimento, etc., e apenas convidá-lo para seguir a Cristo, não basta. O homem precisa ser convencido e se tornar convicto do seu pecado. Ele tem que encarar a verdade nua e crua acerca de si mesmo e de sua atitude para com Deus. Somente quando ele se der conta dessa verdade é que estará realmente pronto para crer no evangelho e para ser convertido a Deus.

Essa é a tarefa da Igreja; essa é nossa tarefa. Daremos início a ela examinando a nós mesmos? Aceitaremos a revelação de Deus nos termos em que nos é feita na Bíblia, ou basearemos nossos conceitos nalguma filosofia humana? Tememos ser chamados fora da moda ou obsoletos por

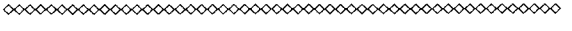
[6] A contar de 1941. Nota do tradutor.

crermos na Bíblia? E mais: Deus é central e supremo em nossas vidas, realmente O glorificamos e mostramos aos outros que de fato estamos constantemente lutando para Lhe sermos agradáveis? E, finalmente, estamos fazendo tudo isso alegremente e com boa vontade, não como pessoas obedientes a uma lei, mas, sim, como homens e mulheres que, olhando para o Filho de Deus em Sua morte na cruz do Calvário por nossos pecados, enchemo-nos de tanto reconhecimento e de tal gratidão que podemos dizer alegremente:

"Amor tão maravilhoso, tão divino,
Requer minha alma, minha vida, tudo o que sou e tenho".

2

Religião e Moralidade



"Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens..." – Romanos 1:18

Proponho-me a chamar a sua atenção para apenas duas palavras do texto – a saber, as palavras, "impiedade" e "injustiça". Em particular, nosso interesse está na ordem na qual as duas palavras aparecem e na relação que há entre elas. Para empregar termos modernos, estas duas palavras e a ordem em que elas aparecem nos convidam a considerar a relação entre religião e moralidade. Aqui nos vemos novamente frente a um assunto que tem ocupado muita atenção durante os cem anos recém-passados. Aqui também vamos considerar o que pode ser descrito como outra das falácias fundamentais com respeito à vida, as quais são grandemente responsáveis pelo presente estado de coisas em que o mundo se encontra. E, precisamente quando vemos acontecer isso em conexão com a questão das religiões comparadas e de como o homem aborda

a Deus, vemos aqui, mais uma vez, que durante o século passado houve a mesma reversão da condição que prevalecia antes dessa.

É verdadeiramente maravilhoso e estupendo como esta segunda metade do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos resume tão perfeitamente a situação moderna. Se fosse escrito especial e especificamente para o nosso tempo, não seria nem mais perfeita nem mais completa. Cada uma das tendências do pensamento e do raciocínio da maioria das pessoas é considerada cuidadosamente e é levada às suas últimas consequências.

A chave para o entendimento da situação em geral está na compreensão do fato de que, por natureza, o homem é inimigo de Deus e faz o máximo que pode para livrar-se de Deus e do que ele considera como o pesadelo da religião revelada. O homem, rebelando-se contra Deus como Ele se revelou e contra a espécie de vida que Deus dita, passa a fazer para si novos deuses e novas religiões, e a elaborar um novo método de vida e de salvação.

Aqui, neste assunto especial que nos propomos a considerar juntos, temos um perfeito exemplo e ilustração dessa tendência.

Até há cerca de uma centena de anos era certo dizer sobre a vasta maioria das pessoas deste país que a religião veio primeiro e que a moralidade e a ética se lhe seguiram. Noutras palavras, assim ocorria com todos os seus pensamentos sobre uma vida virtuosa, sobre a religião e sobre o entendimento que tinham do ensino da Bíblia. "O temor do Senhor" era a motivação dominante; era, para usar a linguagem do Velho Testamento, "o princípio da sabedoria". Claro está que assim

foi porque foi em consequência dos diversos avivamentos e movimentos religiosos que as pessoas foram despertadas para a percepção da completa pecaminosidade e depravação das suas vidas. Em consequência de se tornarem religiosas, viram a importância de um santo viver. Essa era a situação.

Então veio a grande mudança. A princípio não foi uma aberta negação de Deus, mas uma mudança e uma reversão da ênfase dada a essas duas questões. Cada vez mais o interesse fixou-se na ética, e a ênfase foi crescentemente dada à moralidade, em detrimento da religião. Deus não era negado, mas era cada vez mais relegado à posição de mero cenário de fundo da vida. Tudo isso foi feito com o argumento e o pretexto de que anteriormente era dada demasiada ênfase ao aspecto pessoal e experimental da religião, e que os aspectos ético e social não eram enfatizados suficientemente. Mas a situação desenvolveu-se crescentemente, chegando ao ponto em que era declarado aberta e despudoradamente que na realidade nada importava, exceto a moralidade e a conduta. A religião foi menosprezada seriamente, e até se chegou a declarar gritantemente que nada importava, salvo que a pessoa tivesse uma vida moralmente boa e fizesse o melhor a seu alcance.

Tudo o que salientava a intervenção miraculosa de Deus na vida, e para a salvação do homem, era questionado e depois negado; tudo o que enfatizava o elo vital entre Deus e o homem era reduzido ao mínimo, até quase deixar de existir. Os credos e as confissões de fé, as ordenanças e até a frequência a um local de culto, eram todos considerados como expedientes que no passado tiveram um propósito útil, enquanto os homens eram ignorantes e tinham de sentir-se

mais ou menos amedrontados e, por isso, impelidos a ter uma vida virtuosa. Agora essas coisas não eram mais necessárias. Jesus de Nazaré, longe de ser o único e singular Filho de Deus que tinha vindo à terra para preparar um miraculoso caminho de salvação para os homens, era apenas o maior mestre e exemplo moral de todos os tempos – simplesmente maior que todos os outros, não essencialmente diferente. O motivo religioso e o substrato religioso da vida virtuosa praticamente desapareceram por completo, e o seu lugar foi tomado pela educação segundo a fé na inevitabilidade dos bons efeitos de atos de melhoramento social. Com ares de grande protecionismo e de condescendência, diziam-nos que a magia, os ritos e os tabus da religião tinham sido mais ou menos necessários no passado, mas agora o homem, em sua condição moderna, inteligente e intelectual, não tinha necessidade dessas coisas. Na verdade se tornaram insultuosas. Nada era necessário, a não ser mostrar ao homem o que era bom e dar-lhe instrução concernente a isso.

Não tem sido esse o ensino popular? O que tem sido visto como o supremo bem é viver virtuosamente, ter boa moral. A maioria deixou de vez de frequentar um local de culto, e (que lástima!) muitos que o frequentam o fazem, não porque acreditam que é uma prática essencial e vital, mas, antes, por hábito ou porque acreditam vagamente que, de algum modo, é a coisa certa que lhes cabe fazer. A religião, longe de ser o manancial e a fonte de todas as ideias concernentes à vida e a como vivê-la, tornou-se um mero apêndice, mesmo no caso de muitos que ainda aderem a ela. A retidão, ou moralidade, foi exaltada à posição suprema, e pouco se ouve falar de piedade. Como os fariseus da antiguidade, houve muitos entre nós que

se chocavam e se escandalizavam com certos atos de injustiça ou de falta de retidão, mas não se davam conta de que a sua justiça própria denotava uma vida ímpia que era infinitamente mais repreensível aos olhos de Deus. A ordem foi invertida: a moralidade tomou precedência sobre a religião; a falta de retidão é considerada um crime mais odioso que a falta de piedade ou religiosidade cristã.

Mas agora chegamos à questão vital. Qual foi o resultado disso tudo? A que consequências isso levou? A resposta deve se vista no presente estado do mundo. Diziam-nos que o homem poderia ser treinado a não pecar. Poderia ser educado de modo a enxergar a loucura da guerra. E aqui estamos nós, no meio de uma guerra. Mas à parte da guerra e anteriormente a ela, o ensino aqui focalizado tinha levado à terrível confusão moral que caracterizou a vida das pessoas deste país e de muitos outros. A própria "moral" foi esvaziada quase inteiramente de qualquer significado, e os pecados do passado vieram a ser "a coisa que nos cabe fazer" no presente. Não há ninguém, certamente, que possa negar a declaração de que, moral e intelectualmente, as grandes multidões baixaram a um nível mais fundo que nunca, durante os duzentos anos passados; de fato, desde o avivamento evangélico do século dezoito.

Pois bem, minha tese geral é que, de acordo com a Bíblia, isso é algo completamente inevitável, algo que se segue como a noite ao dia. Assim que as posições relativas da religião e da moralidade se invertem da descrição que vemos em nosso texto, o resultado inevitável é o que vemos exarado em termos tão claros e terríveis no resto deste capítulo. A religião deve preceder à moralidade, se é que deve sobreviver.

A piedade é essencial à ética. Nada senão a fé em Deus e o desejo de glorificá-lO, com base em nossa compreensão da nossa completa dependência dEle e da nossa aceitação do Seu plano de vida e de salvação em Jesus Cristo, pode levar a uma sociedade boa e justa. Isso não é meramente uma proposição dogmática. Pode ser comprovado e demonstrado repetidamente na história da humanidade. Como o apóstolo Paulo nos lembra aqui, esse é o relato essencial sobre a humanidade. Observem-no na história dos filhos de Israel no Velho Testamento. Vejam-no também na história da Grécia e de Roma. Eles tinham exaltadas ideias morais e excelentes sistemas éticos e concepções do direito e da justiça, mas o colapso final de ambos pode ser rastreado, chegando finalmente à degeneração moral como sua causa. E depois considerem a história deste país. A religião e o despertamento espiritual sempre levaram a um despertamento moral e intelectual, e ao desejo de produzir uma sociedade melhor. E, inversamente, a impiedade ou o destemor de Deus sempre levou à falta de retidão. O afrouxamento do zelo e do fervor espiritual, muito embora o zelo e o fervor sejam transferidos para o desejo de melhorar o estado da sociedade, sempre redundou finalmente, tanto no declínio moral como no intelectual.

Os grandes períodos da história deste país, em todas as esferas, foram o período elizabetano, o puritano e o vitoriano. Cada um deles seguiu-se a um notável avivamento religioso. Mas como se deixou que a religião fosse para os fundos e até chegasse ao esquecimento, e os homens pensaram que poderiam viver só pela moralidade, a degeneração tomou conta rapidamente. Emil Brunner disse que isso é tão certo e definido

que pode ser estabelecido como uma lei da vida segundo a qual há passos e estágios distintos. Ele se expressa assim: "A sensibilidade pelo pessoal e pelo humano, que é fruto da fé, pode sobreviver por algum tempo depois da morte das raízes das quais brotou e cresceu, mas não pode durar muito tempo. Via de regra, a decadência da religião se mostra na segunda geração como rigidez moral, e na terceira, como a derrocada completa da moralidade. Sem a religião, a humanidade nunca foi uma força histórica capaz de resistência. Mesmo hoje, o desligamento da fé cristã, quando dura algum tempo, redunda na desumanização de todas as condições humanas. "O vinho da vida evaporou-se", só resta a borra".

Aqui está, pois, um princípio fundamental que devemos captar com firmeza antes de começarmos a organizar um novo estado para a sociedade e um novo mundo. A religião, isto é, uma verdadeira fé em Deus em Jesus Cristo, é fundamental, é vital, é essencial. Qualquer tentativa de organizar a sociedade sem essa base está condenada ao fracasso, exatamente como sempre aconteceu no passado. O teste pragmático, como acabamos de ver, demonstra isso fartamente. Mas não somos deixados meramente no mundo do pragmatismo. Um estudo da Bíblia, na verdade um estudo sobre o homem à luz da Bíblia, supre-nos de muitas razões que explicam por que acontece inevitavelmente que confiar só na moralidade, sem a religião, ou colocar a moralidade antes da religião, só leva a um desastre final. Devemos considerar algumas dessas razões.

(i) Primeiramente observemos que agir dessa forma é um insulto a Deus. Devemos partir deste ponto porque aqui temos a real explicação de tudo o que segue. Mas, mesmo independentemente disso, devemos começar com este ponto

porque ele é absoluto. E devemos ter sempre o cuidado de traçar essa distinção. Antes de começarmos a pensar em nós mesmos e no resultado que haja em nós, antes de começarmos a considerar o bem da sociedade ou qualquer outra coisa, devemos começar por Deus, e devemos começar prestando culto a Deus. Se defendermos a piedade simplesmente porque ela leva à verdadeira moralidade, se recomendarmos a religião porque ela leva ao melhor estado da sociedade, estaremos realmente revertendo de novo a ordem e insultando Deus. Jamais devemos considerar Deus como um meio para um fim; e a religião não deve ser recomendada primariamente por causa de alguns benefícios que decorrem de sua prática. E, todavia, ouvem-se declarações, nem um pouco infrequentes, que dão a impressão de que a religião e a Bíblia só são avaliadas em termos da grandeza da Inglaterra.

É por isso que outras nações nos acusam de hipocrisia nacional. Inclinamo-nos a acreditar, talvez acertadamente, que fomos abençoados no passado porque éramos religiosos. Mas quando fazemos uso desse fato e defendemos a religião a fim de que sejamos abençoados, insultamos Deus. Quanto mais religiosa for uma nação, mais altamente moral, mais confiável e mais sólida essa nação será. Daí os estadistas se sentem tentados a prestar um culto de lábios à religião, e a crer em sua manutenção de forma geral. Entretanto isso é exatamente o oposto do que pretendo salientar, e o que é enfatizado em toda parte na Bíblia. Deus deve ser adorado porque é Deus, porque é o Criador, porque é o Todo-poderoso, porque Ele é "o alto e o sublime, que habita na eternidade". Em Sua presença é impossível pensar noutra

coisa. Todos os pensamentos voltados para nós mesmos e todos os benefícios que possam ser acrescentados, todas as ideias concernentes a possíveis resultados e vantagens para nós, ou para a nossa classe, ou para o nosso país, são banidos. Ele é supremo, Ele é único. Colocar alguma coisa antes de Deus é negá-lO, por mais nobre e exaltada seja essa coisa. Os resultados e as bênçãos da salvação, a vida de alta moral e o estado melhorado da sociedade – todas estas coisas são consequências da fé verdadeira, e nunca devemos permitir que usurpem a posição suprema. Verdadeiramente, como eu disse, se de fato adoramos a Deus e nos apercebemos de Sua presença, essas coisas nunca poderão tentar usurpar a Sua supremacia.

Esse é um dos perigos mais sutis que nos defrontam quando tentamos refletir e planejar um novo estado da sociedade para o futuro. É um perigo que se pode ver nas obras de vários escritores atuais, preocupados como estão com o estado em que se encontra este país. Penso particularmente em homens como o Sr. T. S. Eliot e o Sr. Middleton Murray. Eles defendem uma sociedade religiosa e uma educação cristã – ou o que eles assim chamam – simplesmente porque viram que tudo mais falhou e porque acham que a solução que eles propõem tem mais probabilidade de obter sucesso. Eles, porém, não perceberam que antes de alguém poder ter uma sociedade cristã e uma educação cristã, precisa primeiramente ter cristãos. Nenhuma educação ou cultura, nenhum método de ensino, jamais produzirá cristãos e a respectiva moralidade. Para a realização de tal feito temos que nos confrontar com Deus e ver o nosso pecado e a nossa situação crítica e desvalida; temos que saber algo sobre

a ira de Deus, arrepender-nos diante dEle, e então receber Sua graciosa oferta de salvação em Jesus Cristo, Seu Filho. Mas isso não é mencionado. Os homens sempre desejam os benefícios do cristianismo sem pagar o preço. É preciso relembrá-los de que "de Deus não se zomba", e de que até em nome da civilização cristã Ele foi gravemente insultado muitas vezes. O que quer que suceda, devemos adorar Deus por amor dele próprio, porque Ele é Deus. Ele exige e quer receber tal adoração.

(ii) Mas, em segundo lugar, desejo mostrar-lhes que colocar a moralidade antes da religião também é um insulto ao homem. Um fato extraordinário que se nota é que, invariavelmente, quando o homem se põe a exaltar a si próprio, sempre termina rebaixando-se e insultando a si próprio. Espero voltar a considerar este ponto mais detalhadamente. Agora estou desejoso de salientar o princípio em foco. O versículo 22 o resume perfeitamente, declarando que "dizendo-se sábios, tornaram-se loucos". O homem sempre acha que Deus o mantém acorrentado e se recusa a permitir-lhe que dê campo livre para seus maravilhosos poderes e capacidades. Ele se rebela contra Deus com o fim de empenhar-se livremente e de expressar todo o potencial do seu ser – rebela-se em nome da liberdade, propondo-se a apresentar um tipo mais grandioso e mais nobre de personalidade. Como já vimos, esse tem sido o real significado da revolta contra a religião revelada durante os cem anos passados. Ah, quanta coisa temos ouvido sobre a emancipação do homem! O homem moral foi concebido para ser muito mais elevado que o homem religioso. Por isso a moralidade foi colocada antes da religião. Mas, quais são os fatos reais e concretos? Permitam-me citá-los, para que eu

possa demonstrar que a velha regra ainda tem força, e que o homem, ao tentar elevar-se, simplesmente o que sempre tem conseguido é insultar a si próprio.

Quanto a um aspecto, a moralidade se interessa pelas ações dos homens, antes que pelo homem propriamente dito. Logo de início ela lança esse insulto sobre nós. Não me detenho para enfatizar o ponto que mostra que o seu interesse por nossas ações é sempre muito mais negativo do que positivo, o que torna o insulto maior ainda. Mas, considerando esse ponto em sua melhor e mais alta expressão, e em seu aspecto mais positivo, nada é tão ultrajante para a personalidade do que dizer que só as suas ações importam. Não há necessidade de demonstrar isso. Só temos que lembrar o que pensamos do tipo de pessoa que mostra claramente que, de fato, não se interessa por nós, mas simplesmente pelo que fazemos ou pelo que somos – nosso ofício ou nossa posição, ou a possibilidade de sermos de alguma ajuda ou de algum valor para ela. Como isso é ultrajante!

Entretanto, essa é precisamente a situação com respeito à moralidade. Esta só se interessa por nossa conduta e por nossos procedimentos. Pode-se argumentar que, quando a nossa conduta melhora, nós melhoramos igualmente. Mas isso não diminui o insulto, pois isso me deixa, deixa o "eu" essencial, ainda subserviente à minha conduta. E isso é, em última análise, destrutivo para a personalidade. Quão evidente esse fato se tornou nestes poucos últimos anos! Todos nós nos tornamos padronizados em quase todos os aspectos, e há uma opaca e monótona mesmice em quase tudo da vida. Quando nos concentramos mais e mais na conduta e nos procedimentos, na mera aquisição de conhecimento e em como parecemos aos

outros, não somente a variedade desapareceu, mas também, o gênio e o "caráter", o homem ou a mulher de fibra, são cada vez mais raros, e a verdadeira personalidade perdeu-se.

Mas ocorre também que a moralidade está sempre mais interessada em associações do homem do que no homem propriamente dito. Seu interesse está na sociedade, no estado, ou no grupo, e a sua principal preocupação acerca do indivíduo é simplesmente que ele seja criado ou feito conforme a um padrão comum. Seus próprios termos provam isso: "estado", "sociedade", "social"; são essas as suas palavras. A personalidade individual tem sido ignorada e esquecida. Tudo é feito para o bem do estado ou da sociedade. Aqui de novo o argumento é que, quando as massas melhoram, assim também o indivíduo melhora. Contudo, isso é insultar a personalidade, insinuando que o indivíduo é um mero ponto numa enorme multidão de gente. A religião crê em melhorar a sociedade melhorando os indivíduos que a compõem. A moralidade crê em melhorar o indivíduo melhorando o estado geral. Deixo com vocês que decidam que valor realmente dão à personalidade humana, ao homem como tal. E os métodos empregados mostram a situação aqui descrita ainda mais claramente. A moralidade faz uso de compulsão. Ela legisla e força os homens e as mulheres a conformar-se ao padrão geral. Queiramos ou não, temos que fazer certas coisas. Que isso é essencial para governar um estado, concedo livremente, mas ainda afirmo que, essencialmente, é insultar a personalidade. Além disso, é a real antítese do cristianismo, que leva a pessoa a ver a retidão do que e defendido, e cria dentro dela um profundo anseio e desejo de exemplificá-lo em sua vida. A moralidade dita e comanda, mas, como Paulo

diz aos gálatas, "a fé atua pelo amor" (Gálatas 5:6, ARA).

Mas, acima de tudo mais, a moralidade insulta o homem não levando em conta nada do que há de mais elevado no homem, nada daquilo que, em última instância, diferencia o homem do animal. Refiro-me à sua relação com Deus. A moralidade lida com o homem só nos planos inferiores e esquece que ele foi criado por Deus e para Deus. Em sua expressão melhor e mais elevada, a moralidade põe limites às realizações do homem e às possibilidades da sua natureza. Ela pode ajudar a tornar nobre o homem e a fazer dele um animal pensante, mas ignora a gloriosa possibilidade de o homem vir a ser filho de Deus. Ela é ligada à terra e é temporal, e ignora inteiramente os montes aprazíveis e a visão da eternidade. E, em última análise, falha por essa mesma razão.

Uma ilustração simples e conhecida pode ajudar aqui: uma criança está longe do lar, talvez na residência de parentes. Ela sente saudade de casa, e chora querendo sua mãe. Os amigos da família fazem o melhor que podem. Dão-lhe brinquedos, sugerem-lhe jogos, oferecem-lhe doces, chocolate e tudo o que sabem que a criança gosta. Mas nada disso resolve. Bonecas e brinquedos, e as mais finas guloseimas, não podem satisfazer uma criança quando esta deseja sua mãe. Essas coisas são desdenhosamente atiradas para um lado por um jovem filósofo que percebe que, naquele ponto, elas são um verdadeiro insulto. A criança precisa de sua mãe, e nenhuma outra coisa funcionará.

O homem, em seu estado de pecado, não sabe do que realmente necessita. Ele, porém, mostra muito claramente que as melhores e mais excelentes ofertas dos homens não o satisfazem. Nas profundezas do seu ser há aquela profunda

insatisfação que só pode ser atendida por Deus e nada mais. Deixar de reconhecer isso não é somente inadequado, é ultrajante. O homem foi criado para Deus e à imagem de Deus, e, apesar de ter caído em pecado e de ter se distanciado de Deus, continua havendo dentro dele aquela nostalgia que nunca poderá ser satisfeita, enquanto ele não voltar para casa e para seu Pai.

(iii) Em terceiro lugar, essa tentativa de dar à moralidade prioridade sobre a religião fracassa também porque não *propicia nenhuma autoridade ou sanção suprema para a* vida do homem. Neste ponto estamos chegando ao domínio da aplicação prática de tudo o que foi dito até aqui. Somos concitados a viver vida moralmente boa. Mas, surge imediatamente a pergunta: "Por que devemos viver uma vida moralmente boa?" E aqui, face a face com a questão de "Por quê?", esta separação da moralidade, isolando-a da religião, também leva ao fracasso. Podemos mostrar isso ao longo de duas principais linhas.

O conceito que considera a moralidade como um fim em si mesmo e que a defende só por ela mesma, baseia sua resposta à pergunta "Por quê?" unicamente no intelecto. Ela recorre à nossa razão e ao nosso entendimento. O que anteriormente se considerava pecado, ela considera como algo devido somente à ignorância ou à falta de uma verdadeira educação. Por conseguinte, ela começa mostrando e retratando um tipo de vida superior e melhor. Delineia a sua utopia na qual todos, recebendo ensino e educação, exercerão domínio próprio e farão o máximo que puderem para contribuir para o bem comum. Ela mostra os maus resultados de certos atos sobre o indivíduo e sobre a

comunidade em geral. Mas, além disso, ela pretende que o homem veja que tais atos são completamente indignos dele e que, ao praticá-los, ele rebaixa o seu padrão e se revela indigno do seu próprio ser essencial. Esse é seu método. Ela instrui o homem acerca da sua maravilhosa natureza e sobre como ele se desenvolveu a partir do animal. Luta com ele para ver que agora ele deixe para trás o animal e suba às alturas do seu próprio desenvolvimento. Depois tenta seduzi-lo levando-a a aceitar essas ideias apresentando-lhe quadros descritivos da sociedade ideal. É essencialmente um apelo dirigido ao intelecto, à razão, ao lado racional da natureza humana.

Não obstante, isso significa que, em última instância, o ponto em foco é questão de opinião. Alega-se que esse conceito é o mais alto e o melhor, e que também leva à maior felicidade. Mas quando os seus defensores topam com aqueles que dizem que discordam e que, em sua opinião, essa proposta não atende satisfatoriamente à real natureza do homem, eles não têm resposta para dar. E essa tem sido a situação, cada vez mais, principalmente desde a guerra de 1914 a 1918, com o culto à expressão do próprio ser se tornando cada vez mais forte, e até mais popular. Os que são dados a esse culto negam que o quadro desenhado pelos moralistas é o melhor e o mais alto. Eles o consideram, antes, como algo que acorrenta e restringe a pessoa, como algo, portanto, que é inimigo do interesse mais alto do ser humano. Colocando a felicidade e o prazer como os supremos desideratos, eles projetaram um esquema para a vida e para a conduta que lhe é exatamente oposto. Não dispomos de tempo para considerar isso agora. Tudo o que estou interessado em mostrar é que, confrontado

com esse desafio, qualquer sistema moral, que não se baseie na religião, não tem resposta. Uma opinião é tão boa como outra, e, portanto, qualquer pessoa pode fazer o que lhe dá na telha. Não existe nenhuma autoridade suprema.

Contudo, isso também se pode mostrar de outra maneira. Ter o fundamento do apelo unicamente sobre o intelecto e a parte racional da natureza humana também é estar condenado a fracasso, porque essa atitude ignora o que é mais vital no homem. Essa tem sido a falácia real que está por trás de grande parte do pensamento durante o século passado. O homem só era levado em consideração pelo intelecto e pela razão. Bastava dizer-lhe o que era certo e como praticá-lo. É extraordinário como essa ideia prevaleceu, apesar de patentes fatos em contrário. A posse de intelecto não garante vida moral, como os jornais, as biografias e as memórias constantemente testificam. Um homem educado e culto nem sempre e inevitavelmente vem a ter vida moralmente boa. Os que mais sabem das consequências de certos pecados, frequentemente são os que mais caem nesses pecados. Por que será?

Aqui a psicologia moderna certamente presta valioso auxílio, e é surpreendente essa prova não ter explodido definitivamente essa visão da vida que só leva em conta o intelecto. No interior do ser humano há profundos instintos primários. Ele é uma criatura caracterizada por desejo e cobiça. Seu cérebro não é uma máquina independente e isolada, sua vontade não existe num estado de completo desligamento. Essas outras forças estão em constante ação, e estão constantemente influenciando os poderes mais altos. Uma pessoa pode saber que certo curso de ação é errado,

porém isso não importa. Ela deseja aquilo, e esse desejo pode ser tão forte que ela até pode racionalizar e produzir argumentos em seu favor. Lembrem-se, porém, de como o apóstolo Paulo expressou este ponto perfeitamente no capítulo sete, versículo 15, da Epístola aos Romanos. Disse ele: "Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço". Um conceito que deixa de perceber o que é fundamental na natureza humana está necessariamente fadada ao fracasso. Sendo o homem o que é, precisa de uma sanção mais alta. Apelos dirigidos à razão e à vontade não são suficientes. O homem todo precisa estar incluído, e principalmente o elemento caracterizado pelo desejo.

(iv) Finalmente, devemos dizer apenas uma palavra sobre o outro aspecto vital e prático deste assunto. Tendo feito a pergunta, por que o homem deve ter vida moralmente boa, levanta-se a questão adicional: "Como devo ter vida moralmente boa?" E aqui, mais uma vez, vemos que a moralidade sem a religião falha inteiramente, porque não provê nenhum poder. "Porque não faço o bem que quero", declara Paulo, "mas o mal que não quero esse faço" (Rom. 7:19). Esse é o problema. A falta de poder, a incapacidade de fazer o que sabemos que devemos fazer, ou o que gostaríamos de fazer, e o fracasso correspondente em não fazer o que sabemos que é errado. Não é só de conhecimento da verdade que a humanidade precisa, mas, muito mais, de poder. Aqui a moralidade sucumbe, pois deixa o problema em nossas mãos. Temos que fazer tudo. Ora, como acabamos de ver, esse é, num sentido, todo o nosso problema. Não podemos. Nós falhamos. Em última instância, os sistemas morais só

apelam e prestam ajuda a certo tipo de pessoa. Se formos o que é descrito como "naturalmente bons" e naturalmente interessados nessas coisas, eles poderiam ajudar-nos muito e encorajar-nos. Mas quando digo "naturalmente bons" quero dizer bons aos olhos do homem, não de Deus, bons no sentido de não serem condenáveis por certos pecados, não bons no sentido dos termos bíblicos justo e santo. Tais pessoas são auxiliadas pelos sistemas morais.

Mas, que dizer dos que não são constituídos dessa maneira? Que dizer dos que são rebeldes naturais, dos que são mais dinâmicos e cheios de vigor? Que dizer daqueles para quem o erro e o mal vêm com mais facilidade e mais naturalmente do que o bem? Evidentemente a moralidade não pode ajudar, porque nos deixa exatamente no que e onde estávamos. Ela não nos dá nenhum poder para nos refrearmos e não pecarmos, pois os seus argumentos podem ser varridos facilmente para longe. Ela não nos dá nenhum poder para que sejamos restaurados quando caímos em pecado. Ela nos deixa na situação de fracassos condenados, e, na verdade, faz com que fiquemos sem esperança. Ela nos faz lembrar que falhamos, que fomos derrotados, que não mantivemos o padrão estabelecido. E mesmo que ela apele para que tentemos de novo, realmente nos acusa enquanto o fazemos e nos condena a outro fracasso. Pois ela continua a deixar o problema em nossas mãos. Ela não pode ajudar-nos. Não tem poder para nos dar. E, tendo caído uma vez, nós argumentamos, é provável que tornemos a cair. Por que tentamos, então? Vamos ceder e desistir e abandonar-nos ao nosso destino. E, lamentavelmente, quantos tem agido assim, e por essa mesma razão!

Da mesma maneira, ela não tem nenhum poder capacitador para nos dar. Ela provê um padrão, mas não nos ajuda a alcançá-lo. Tudo não passa de mero bom conselho. A moralidade pura e simples não nos dá nenhum poder.

Vimos, pois, que a moralidade falha em cada um dos aspectos, teórico e prático.

Quão trágico é que a humanidade seja culpada, por tanto tempo, deste estulto erro de inverter a verdadeira ordem de religião e moralidade! Pois, assim que são colocadas em suas posições certas, a situação muda inteiramente. Precisamente do mesmo modo como a moralidade, sozinha, falha, o evangelho de Cristo tem bom êxito. O evangelho começa por Deus e existe para glorificar Seu santo Nome. Ele restaura o homem ao correto relacionamento com Deus, reconciliando-o com Ele por meio do sangue de Cristo. Ele diz ao homem que sua pessoa é mais importante que seus atos e que seu meio ambiente, e que, quando ele for endireitado, passará a endireitar seus atos e o meio ambiente. O evangelho dá suprimento ao homem integral, corpo, alma, espírito, intelecto, desejo e vontade, dando-lhe a mais exaltada visão que há, e enchendo-o de paixão e desejo de viver a vida moralmente boa a fim de expressar sua gratidão a Deus por Seu maravilhoso amor. O evangelho lhe provê poder. Nas profundezas do seu opróbrio e da sua miséria resultantes do seu pecado e do seu fracasso, ele o restaura garantindo-lhe que Cristo morreu por ele e por seus pecados, e que Deus o perdoou. O evangelho o chama para uma nova vida e para um novo começo, prometendo-lhe um poder que vencerá o pecado e a tentação e que, ao

mesmo tempo, o capacitará a viver a vida que ele acredita e sabe que deve viver.

No evangelho, e somente no evangelho, está a única esperança para os homens e para o mundo. Tudo mais foi experimentado e falhou. A impiedade é o maior pecado, o pecado central. É a causa de todas as nossas outras dificuldades. Os homens devem voltar para Deus e começar com Ele. E, Deus seja louvado, o caminho para eles fazerem isso ainda está amplamente aberto em "Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2).

3

A Natureza do Pecado

"Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça." "E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm". (VA: "E como não quiseram manter Deus em seu conhecimento, Deus os entregou a uma disposição mental reprovada...".) Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem nos que as fazem." – Romanos 1:18, 28 e 32

Selecionei esses três versículos em particular da passagem que estamos estudando para podermos considerar a questão do pecado, ao menos quanto à sua natureza essencial. Somos impelidos a isto, em nosso estudo desta passagem, por uma espécie de necessidade lógica. Já vimos que, por natureza, o

homem é oposto a Deus e não é um ser que deseja Deus. E vimos que meras propostas e esquemas que visem reforma moral não são suficientes para lidar com o problema da humanidade. Por que isso? Que é que há na natureza humana que explique isso? Essas questões não podem ser levantadas sem que nos vejamos face a face com a doutrina do pecado

Sobre essa doutrina podemos dizer com segurança que é uma das mais ardorosamente contestadas de todas as doutrinas. Não é nenhuma surpresa, pois em muitos aspectos é o ponto crucial do problema geral do homem. Certamente não há outro assunto que provoque, e que tenha provocado, tanta zombaria, escárnio e desdém. Nenhuma outra doutrina tem sido tão ridicularizada. Nenhuma provoca tanta paixão e tanto ódio. Isso, digo e repito, não é nenhuma surpresa por ao menos dois motivos. Um é que, se a doutrina cristã do pecado é certa e verdadeira, segue-se que a própria base da doutrina moderna sobre o homem é destruída inteiramente. E, de igual modo, esta doutrina do pecado é o postulado essencial que leva ao plano geral da salvação miraculosa e sobrenatural delineado na Bíblia; leva a tal plano e o requer. Não surpreende, pois, que a batalha seja mais dura e mais ardente neste ponto.

Aqui, de novo, ao considerarmos esta questão, veremos exata e precisamente, como já vimos em ocasiões anteriores, que o movimento do pensamento tem seguido certos passos definidos. E, novamente, como antes, o ponto principal que se deve notar é que a ideia concernente ao pecado que foi muito popular durante os cem anos passados é exatamente o oposto à que prevalecia anteriormente. Qualquer outra coisa que possamos dizer sobre essas ideias modernas, temos que

conceder que elas são coerentes umas com as outras. Todas elas pertencem a um modelo definido e são partes de um esquema geral.

A ideia central é a profunda mudança do conceito sobre o homem como um ser, em sua natureza, sua origem, seu desenvolvimento, etc. Um escritor moderno enfeixou tudo isso perfeitamente numa sentença, quando disse que os futuros historiadores dos cem anos passados provavelmente não deixarão de observar que o declínio e o desaparecimento da doutrina do pecado seguiram um curso paralelo ao da doutrina da evolução do homem como procedente do animal. Essa é a posição básica. O novo conceito do homem, este no centro, tinha que levar, necessariamente, a mudanças correspondentes nos conceitos sustentados sobre as atividades do homem. Em parte nenhuma se vê isso mais claramente do que nesta questão do pecado.

A teoria moderna não foi bastante tola para dizer que não havia nada de errado com o homem e que ele era perfeito. Seus atos já bastavam para provar que não era esse o caso. Ele continuava a fazer coisas que não devia, coisas contrárias a seus próprios interesses e aos interesses da sociedade. Também não conseguiu ter a espécie de vida que os tais mestres acreditavam que ele devia ter. Todos esses fatos da vida pessoal, e mais outros fatos, tais como a guerra, em conexão com a vida comunal, tinham que ser encarados e explicados de algum modo. Pois bem, foi justamente aí que a mudança foi introduzida. Os fatos não foram negados. Mas quando se chegou à questão de avaliar os fatos e de explicar a origem deles, o novo conceito foi uma total saída daquele que tinha prevalecido anteriormente. O velho

conceito, como veremos pormenorizadamente mais adiante, sustentava que o pecado era deliberado, que era algo que tinha penetrado na vida humana, fazendo-a cair e criando um novo problema. Declarava que o homem teve seu início num estado de perfeição e que o pecado foi aquilo que, tendo entrado, fez o homem cair daquele feliz estado. Mas o novo conceito concernente ao homem como uma criatura que se desenvolveu e evoluiu do animal, obviamente não podia subscrever aquele velho conceito e aquela velha explicação dos defeitos e falhas do homem. E se recusou resolutamente a fazê-lo. Por isso proveu sua própria teoria e sua suposta explicação.

Não posso considerar isso em detalhe, mas devemos notar algumas das expressões mais comuns dessa ideia. Algumas delas são altamente filosóficas, enquanto outras são mais práticas. Pertencente à primeira categoria é o conceito que descreve o que tem sido chamado pecado como um princípio de inevitável antagonismo e que parece ser uma parte da vida. Segundo esse conceito, o pecado não é tanto um mal como uma espécie de resistência suprida pela vida a fim de que as faculdades positivas possam ser exercitadas e desenvolvidas. Pode-se considerar o pecado como halteres que têm que ser levantados para desenvolverem os músculos intelectuais e morais, ou como uma resistência que tem que ser removida para que possamos progredir. É algo essencial ao crescimento e em geral é bom, não mau.

Outro conceito considera o pecado como a oposição das propensões inferiores a uma consciência moral que se desenvolve gradativamente. Aqui também a ideia não é que o pecado é realmente mau ou errado, mas que é a luta mantida

por nossos persistentes instintos animais contra as exigências feitas por nossa nascente e sempre crescente consciência moral. É o conflito, se lhes parece bem, entre o homem que há em nós e o animal que há em nós. Não que o animal seja mau *per se*, mas que se torna mau se permitirmos que ele tenha preponderância em nossas vidas, quando o estritamente humano deveria estar no controle.

Outro conceito expressa isso de maneira ligeiramente diversa, dizendo que o pecado é uma espécie de estado negativo, uma negação antes que algo positivo e fatual. É a falta de qualidades positivas, a falta do pleno desenvolvimento delas. Não é tanto uma atividade exercida por parte das qualidades inferiores, como uma falha das superiores em não exercerem seu potencial como deveria. Por conseguinte, não devemos dizer que o homem é de fato mau; devemos dizer que ele não é bom. O pecado é uma condição negativa, uma negação.

Depois há o conceito que considera o pecado quase inteiramente como uma questão de conhecimento e de educação. Se, diz o seu argumento, se a parte inferior exerce exageradamente o seu potencial e a parte superior não faz a sua parte como deveria, fica evidente que a razão disso é a falta de conhecimento, a falta de treinamento, a falta de educação. Isso pode muito bem ser devido ao ambiente no qual o homem foi criado. Portanto, este é o conceito que considera o pecado como, primariamente, questão de habitação e de educação, e que defende a formulação e execução de planos de eliminação dos cortiços e favelas, e de sistemas educacionais como a única e necessária maneira de sanar o problema.

Há outros conceitos que não precisamos mencionar, tais

como a ideia que se recusa a admitir qualquer coisa errada no que é chamado pecado. Mas no que dissemos temos os principais conceitos. E claro está que todos eles pertencem ao mesmo modelo geral e todos se baseiam na mesma ideia central. Essa ideia central podemos expor da seguinte forma: segundo nos dizem os seus defensores, os pais exageraram a questão e não somente se fizeram miseráveis e infelizes, mas também infelicitaram todos os outros que estiveram sob a influência deles. O velho conceito, dizem-nos, levava a interminável morbidez e introspecção, e muitas vezes até ao desespero. Exagerando o problema, aumentava-o e o fortalecia, em vez de o considerarem tranquilamente apenas como um estágio inevitável da evolução do homem. O que realmente nada mais era que dores do crescimento espiritual, era exagerado e produzia terrível moléstia, e um dos ajustamentos naturais relacionados com o processo fisiológico e desenvolvimento da vida era considerado como uma condição patológica. Assim, a vida em geral se tornava sombria e insípida, e os homens viviam num estado de escravidão e de servidão. Mas a ideia moderna é inteiramente diferente.

Da mesma maneira, o novo conceito recusa-se a considerar o pecado como uma força ou um poder ativo, como algo que tem existência independente, à parte do homem. É, antes, a incapacidade de aprender, como é nosso dever, verdades sobre a bondade, a beleza e a verdade. O pecado é mero resíduo, mera fase negativa. Não é algo em si e de si. É parte daquele estágio de imaturidade no qual a criança ainda não se tornou homem, ou no qual o animal ainda não se tornou inteiramente humano.

Outra característica desse conceito é que não considera o homem como realmente responsável – responsáveis são sempre as condições e as circunstâncias, ou as oportunidades, que o homem teve. A responsabilidade é tirada do homem e colocada nas condições econômicas, ou em sua vida no lar, ou na primeira fase de crescimento e criação, e, na verdade, às vezes em sua estrutura física. Cada fracasso merece apenas dó. O homem não deve ser culpado, não deve ser punido. Devemos falar bondosamente com ele e encorajá-lo a ser bondoso e decente, seja como indivíduo, seja como nação, como a Alemanha moderna. (Temos aí, incidentalmente, uma perfeita ilustração dessa atitude geral. Vê-se isso no caso daqueles que consideram a Alemanha como inocente e que culpam o Tratado de Versalhes[1] por todos os nossos problemas atuais.) Todavia, evidentemente, o fato mais significativo concernente ao conceito moderno é que não faz menção alguma do pecado como visto por Deus. Nunca emprega a palavra culpa, e ignora por completo o fato de que o pecado é primariamente transgressão.

Ora, o conceito bíblico sobre o pecado é precisamente o oposto do conceito moderno, em todos os seus aspectos. Façamos um sumário desse ponto. Começa dizendo que não se deve explicar o pecado meramente como parte do desenvolvimento do homem. De fato, o pecado é algo que está fora do homem, algo que pode existir e que existe à parte do homem. O pecado é algo que entrou no homem vindo

[1] Houve vários tratados de Versalhes, mas naturalmente o autor se refere ao que foi firmado em 28 de junho de 1919, quando foi declarado oficialmente o fim da guerra, foi feita uma carta provisória da Liga das Nações e foram impostas, pelos aliados, pesadas condições à Alemanha derrotada. Nota do tradutor.

de fora dele. Portanto, nenhum conceito que o considere puramente em termos humanos pode ser adequado ou suficiente; de modo nenhum. Ocorre que o próprio pecado acrescenta explicação disso mostrando que a experiência dos fatos indica esse caminho. Temos consciência de que um poder alheio a nós age sobre nós e influi em nós, um poder que podemos vencer e descartar. Vê-se isso, supremamente, na tentação sofrida pelo nosso Senhor. Nenhuma tentação poderia provir dEle, nem de Sua natureza, porque Ele era perfeito. A tentação, o incitamento para pecar, foi inteiramente externa em relação a Ele.

No entanto, não é suficiente dizer que o pecado é um poder que tem existência independente. É um poder extraordinário, um poder terrível. Tem qualidade demoníaca, uma malignidade realmente terrificante. É um espírito definido, uma atitude positiva, ativa e poderosa. Além disso, é um poder que o homem deixou entrar em sua vida e que o afeta profunda e vitalmente. Não é algo leve e relativamente trivial. Não pertence à ordem dos restos vestigiais. Não afeta apenas uma parte do homem e da sua natureza. É tão profundamente arraigado e faz parte de nós de tal maneira que o homem todo é afetado – o intelecto, os desejos e, portanto, a vontade. Na verdade, o pecado constitui um problema tão terrível que somente Deus em Cristo pode dar-lhe o devido tratamento. Bem, quase não é necessário indicar que é vitalmente importante que entendamos bem qual desses dois conceitos é o certo, antes de começarmos a planejar para o futuro. Acaso podemos considerar este problema levianamente, e podemos ser otimistas em nosso conceito sobre o homem e a vida? Seria o que chamamos

"pecado" algo que a humanidade, enquanto continua a progredir, fará enroscar e o deixará para trás? Porventura o que é inferior e animal irá necessariamente deteriorar-se e decair, e o superior e humano vai continuar a desenvolver-se e a aumentar inevitavelmente? As respostas a essas perguntas são da maior importância.

Num sentido, poderíamos respondê-las simplesmente fazendo uma análise da história do século passado, quando o conceito otimista passou a estar em voga, e durante o qual os princípios desse conceito foram postos em prática educacional e socialmente, e em quase todos os departamentos da vida. Essa análise revelaria a completa falácia desse conceito leviano sobre o pecado. Na verdade, a condição em que o mundo está na presente hora é, em si e por si, uma resposta suficiente. Mas nos contivemos, e não exporemos a nossa resposta dessa maneira por duas razões:

Uma é que o temperamento e a perspectiva otimistas raramente são influenciados pelos fatos. Como se deu com o Sr. Micawber, quando todos os esquemas dessa conceituação vão mal, e todas as suas profecias e predições otimistas se veem frustradas pelos acontecimentos, essa posição otimista ainda retém a sua serenidade e continua esperando que o que visualizou se soerguerá, "dará a volta por cima". Se não fosse assim, a última guerra e suas consequências seriam suficientes. Mas, apesar dos gritantes fatos em contrário, os expoentes do referido conceito agarram-se tenazmente a ele.

Minha segunda razão para não adotar esse método é que é sempre melhor lidar com os princípios subjacentes à conduta e aos atos. Se for possível mostrar que os princípios são errôneos, evidentemente se verá que o que deles emana

só pode ser errôneo. E, de qualquer forma, de acordo com a Bíblia, o problema que há com a vida de pecado não é meramente que ela conduz a resultados desastrosos, mas também que é errada, em si e por si, por sua própria essência e natureza.

Por isso nos propusemos a considerar positivamente o que o apóstolo tem para dizer sobre este assunto nos versículos que estamos estudando. Nunca, talvez, houve análise mais completa e mais terrificante do pecado, em todos os seus aspectos. E, todavia, quão magistral é! O apóstolo não recua ante coisa alguma. Ele expõe a verdade sem rebuços e, contudo, com tal economia de estilo e de linguagem que nunca se torna sensacional. Ele sente que deve revelar a horrível realidade em toda a sua plenitude e inteireza, para não permanecer nenhuma ilusão a respeito; mas nem por um momento ele faz conchavo com o gosto depravado daqueles que gostariam de espojar-se na lama dos detalhes de mau gosto. Que contraste com o tipo de romances e de literatura em geral, tão popular durante os anos recém-passados! Queira Deus que, ao tentarmos descerrar o Seu ensino, também sejamos habilitados a observar o mesmo diligente cuidado.

O que Paulo diz sobre o pecado pode-se considerar, muito convenientemente, sob três pontos importantes.

(i) Seu primeiro grande princípio é que o pecado é deliberado. No versículo dezoito ele se volta da gloriosa proclamação do evangelho para o outro lado do quadro. Ele lembra a seus destinatários que, assim como a justiça de Deus Se revela de fé em fé, assim também "do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". E de imediato ele começa a atacar o pecado em seu âmago. "Do céu

se manifesta a ira de Deus", diz ele, "sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça." Imediatamente ele assesta contra o pecado a acusação de deliberação. Mas ele a repete no versículo 28, onde diz: "E como não quiseram manter Deus em seu conhecimento" (VA); ou, como se lê na *Revised Version* (RV): "e como se recusaram a ter Deus em seu conhecimento"; ou, como consta na margem da página: "como não aprovaram Deus", Deus "os entregou a uma mente reprovada". Continua sendo a mesma mudança. E uma vez mais, no último versículo (32): "Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem".

Essas três declarações mostram-nos a natureza essencial do pecado, em especial o elemento de deliberação. Quão longe elas estão daquele outro quadro descritivo que os representa mais como vítimas do pecado do que como pecadores, devido às suas circunstâncias e às condições próximas deles, ou como criaturas que se acham num estágio da sua existência! Quão distantes da ideia segundo a qual o pecado não e positivo, mas é, antes, o fracasso em não alcançar o nível verdadeiro! Ou que o pecado é devido à falta de conhecimento e de instrução! Pois o fato é que o pecado é total e inteiramente positivo. É algo ativo e militante. O apóstolo Paulo sugere, se tomarmos os versículos na seguinte ordem, 28, 32 e 18, que existem ao menos três estágios na manifestação da atividade do pecado.

O primeiro é que os homens não gostam de reter a Deus em seu conhecimento, ou se recusam a ter Deus em seu conhecimento. Tendo começado com esse conhecimento de Deus, decidiram não continuar nele. Não aprovaram tal

conhecimento. Não é simplesmente que não conseguiram alcançar o padrão do conhecimento; deliberadamente o rejeitaram como padrão. Não é só que eles erraram o alvo; deixaram de vez de mirar o alvo, e se recusaram a reconhecê-lo como padrão e objetivo da vida. Deus é destronado deliberadamente e todo o Seu plano de vida é alijado. Assim como isso foi verdade quanto aos primeiros dias da história da humanidade, assim também tem sido verdade quanto aos tempos recentes.

Houve neste país um período religioso antecedente e uma tradição religiosa. Havia um conceito sobre a vida e um modo de viver baseados na fé em Deus. O conceito ainda é conhecido por muitos e com ele todos já tiveram contato numa ocasião ou noutra. Portanto, é um conceito que teve que ser rejeitado deliberadamente antes de os homens poderem viver a espécie de vida que tantos estão vivendo atualmente. Eles decidiram que aquele velho conceito é errado ou tolo ou está fora de moda, e, sabendo precisa e exatamente o que estão fazendo, rejeitam-no e escolhem justamente a sua antítese. Na verdade, a imensa maioria não somente não nega isso, mas realmente se gloria no fato de que tem feito isso.

Em segundo lugar, acresce que essa verdade é demonstrada pelo fato de que, embora os homens saibam o que as Escrituras ensinam sobre como Deus vê essa conduta, não somente a praticam, mas também se deleitam em todos os outros que procedem igualmente. O que prova conclusivamente que o mal e as más ações não são meros resíduos negativos da parte animal da nossa natureza é o fato de que, apesar de todas as advertências das consequências, e, custe o que custar, o

homem persiste em pecar. Apesar de poder significar perda da saúde ou de dinheiro, apesar de envolver perda do caráter e rebaixamento do padrão, e mais, apesar de ameaçar afetar o destino eterno, os homens continuam persistindo nessa posição. O que é pior é o prazer que eles sentem nessa leviana e perigosa posição, como se alegram nela, e como conversam e falam jocosamente sobre ela. Se eles se envergonhassem, o argumento sobre a natureza negativa do pecado poderia ao menos ter uma aparência de verdade, mas o fato é que os homens se gabam dos seus pecados, falam sobre eles e encorajam outros a fazerem precisamente o mesmo. Basta lermos os jornais ou ouvir o rádio para ver como isso veio a ser verdade quanto à vida atual.

Mas o terceiro passo é o que o apóstolo descreve quando diz que os homens "detêm a verdade" em injustiça. Essa é a final e mais clara prova da atividade do pecado e do seu caráter deliberado. Embora os homens decidam não crer em Deus e resolvam expulsar Deus e os Seus caminhos das suas vidas, embora ignorem ou façam por ignorar toda as consequências dos seus pecados e com espírito de bravata decidam seguir a outra forma de vida, não terminam com Deus e com a verdade nesse ponto. A verdade continua a lembrá-los de que existe e a importuná-los. Ela faz isso de modo muito definido, naturalmente, falando por meio da consciência. Ela adverte, condena e proíbe. A Verdade não é estática e sem vida. Ela está de fato dentro de nós – ali está "a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo". Esse é o significado do remorso e do que chamamos dor de consciência. Essa dor se torna particularmente marcante em certas ocasiões – por exemplo, em ocasiões de doença ou morte ou guerra, etc.

A Verdade nos segue e nos atormenta. O homem não ignora nada disso. Ele sabe qual é a diferença que há entre o bem e o mal, o certo e o errado. Este conhecimento sempre o confronta e o perturba. Mas, diante disso, o que ele faz, diz Paulo, é detê-lo, suprimi-lo, fazer o máximo que pode para sufocá-lo e para destruí-lo. Os homens tentam extinguir essa atividade da verdade dentro deles. As maneiras pelas quais eles o fazem quase não têm fim. Eles argumentam contra a verdade e tentam dar razões para eximir-se de culpa. Os postulados da verdade eles negam, e as más ações que eles praticam procuram racionalizar. Tentam até vencer a consciência empregando termos da psicologia. Usam qualquer coisa que silencie sua voz e que os livre da sua condenação. E quando nem argumentação nem negação nem persuasão funcionam, os homens deliberadamente afundam ainda mais no pecado, na esperança de afogá-la. Recusam-se deliberadamente a dar tempo a si mesmos para poderem pensar e raciocinar; deliberadamente evitam a verdade e fazem o máximo que podem para ocultá-la de si.

"Por que parar?", eles indagam. "Por que pensar, quando pensar é penoso e desconcertante?" E assim eles detêm a verdade no interesse da sua injustiça e por meio dela. O problema que há com a humanidade não é que ela não sabe o bastante sobre a verdade. Ela nega deliberadamente a verdade. Sua dificuldade não é que o seu avanço na direção da verdade é um tanto lento e trabalhoso. Ela prefere prosseguir na direção oposta. Seu problema não é que lhe falta luz suficiente, mas, antes, como nos lembra o texto de João 3:19, que "os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más".

(ii) Entretanto, o apóstolo Paulo deseja mostrar também que o pecado é aviltante e causa depravação. Vemos isso claramente nos versículos 21-23 e no versículo 25, no qual ele resume todo esse ponto dizendo: "Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém". Como já vimos, a situação deles é que desistem deliberadamente de adorar a Deus e que, por isso, são inescusáveis. Contudo isso não é tudo. Há outra coisa que caracteriza fortemente o pecado e seus efeitos, e que provoca a ira do apóstolo. Se os homens abandonassem a Deus e depois se tornassem irreligiosos e deixassem completamente de prestar culto a Deus, a situação já seria suficientemente ruim. Mas, de fato, a coisa é pior que isso. Sim, pois o pecado não é somente deliberado; também é aviltante em seus efeitos, e essencialmente depravado em sua natureza. Tendo abandonado Deus, os homens não deixam de ser religiosos, não param de adorar. Fazem outros deuses para si, e então passam a adorá-los. Qual é a natureza dos novos deuses? Paulo não dá a lista completa; seria impossível fazê-lo, pois são muitos. No entanto, ele nos propicia um vislumbre das condições do paganismo com as palavras: eles "mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis". E mais: "e serviram mais a criatura do que o Criador". Dessa forma ele resume todos os fenômenos do paganismo, com seu culto aos ancestrais, ao sol, à luz, aos astros, a quadrúpedes, aves, árvores, pedras; sua fé em magia, etc. Da glória do Deus incorruptível – para essas coisas! Mal é preciso comentar isso. Que queda! Que rebaixamento do padrão! Que total aviltamento!

O que, porém, provoca o tom satírico de Paulo é que tudo isso era feito em nome da sabedoria! Eles se pavoneavam e se orgulhavam disso, e se gabavam do seu progresso. Que é que pode explicar isso? Certamente não há nenhuma explicação adequada, a não ser a que é dada pelo próprio Paulo. É o efeito corruptor e aviltante do pecado, que obscurece a mente e o entendimento e faz de nós uns loucos, ou, como a frase "tornaram-se loucos" tem sido traduzida, "ficaram bobos".

E se isso foi verdade quanto ao tempo dele, como de fato foi, é igualmente verdade hoje. Há algo de patético no modo como, durante os últimos cem anos, os homens prazerosamente imaginavam que estavam fazendo algo novo e original quando desistiram de adorar a Deus. O fato é que eles simplesmente repetiram uma velhíssima história, e a repetição tem sido perfeita, até aos mínimos detalhes. Nada tem sido mais característico dessa tendência geral do que a maneira pela qual os homens sempre abandonam a religião alegando progresso, esclarecimento, conhecimento, entendimento e emancipação da escravidão e tirania, e pela liberdade e facilidade para a vida. Tornou-se pouco menos que um sinal de inteligência zombar da religião.

É o que se diz. Mas, que dizer dos fatos? Uma vez mais, é repetição exata da velha história. E como foi verdade na história que Paulo teve que pôr às claras, assim ainda é verdade que essa aviltante influência do pecado é tão manifesta e evidente intelectualmente como também moralmente, tanto na teoria quanto na prática. Podemos examinar esse ponto ao longo destas linhas:

Considerem os deuses que os homens adoram hoje, e que

adoravam principalmente nos vinte anos recém-passados. O uso dos termos "deuses" e "adoração" é perfeitamente justificável. Cada homem tem seu deus, pelo qual ele vive, pelo qual ele está disposto a dar seu tempo, sua energia, seu dinheiro, é o que o estimula e o levanta, incita-o e o entusiasma. Ele vive para esse deus, é controlado por ele, e está disposto a sacrificar tudo por ele. Quais são os deuses modernos? Em primeiríssimo lugar eu coloco o próprio "homem". Isso pode não estar muito evidente nos dois ou três anos passados,[2] mas antes desse tempo a fé no homem e em seus poderes era quase ilimitada. Nada lhe era impossível, e um dos mais fortes argumentos para pôr de lado a fé em Deus era que a fé era um insulto ao homem e lhe impunha limites.

Essa fé no homem tem se expressado de muitas maneiras diferentes. Em última análise, essa é a explicação do nazismo e do bolchevismo, o culto à raça, ao sangue e ao estado. Às vezes me apavora o número de pessoas que cultuam a Inglaterra, e sugiro que grande parte do heroísmo que se desfralda hoje, muitas vezes é realmente resultado de uma definida adoração de um código ou de uma tradição. Outros deuses adorados são o dinheiro e a riqueza, e as coisas que o dinheiro pode comprar, tais como casas, carros, títulos e posição social. Conheci pais que literalmente adoravam seus filhos. Houve tempo em que parecia claro que muitos estavam voltando a cultuar o corpo e a aptidão física, e basta darmos uma olhada num jornal para ver que tem havido um marcante e extraordinário avivamento da fé na astrologia.[3] Apenas menciono também as diversas

[2] Cerca de 1939, 40 e 41. Nota do tradutor.

[3] Depois do falecimento de Lloyd-Jones a situação piorou muitíssimo. Além da adoração dos astros (a confiança em que a rocha guia, dirige e orienta), ressurgiu a crença em duendes e outros seres fantásticos

seitas que têm florescido muito desde a guerra de 1914-1918 – a teosofia, a ciência cristã e o ensino psicológico popular que nos diz que devemos acreditar em nós mesmos e ter fé em nós mesmos. Li um artigo muito interessante e provocante que sugeria que o número sempre crescente de animais de estimação de que as pessoas cuidam era definitivamente uma questão religiosa, e também devo mencionar o uso de mascotes. Essas coisas são deuses aos quais muitos homens e mulheres se voltaram, gabando-se como se gabam da sua superioridade sobre seus pais e avós, que adoravam o único Deus vivo e verdadeiro. Certamente isso dispensa comentário.

Veremos a mesma coisa se observarmos o modo como os homens passam o tempo, em contraste com o que verdadeiramente se dava quando os homens criam em Deus e O adoravam. Fora a enormidade do pecado que assim se comete, detesto essa prática e protesto contra ela porque insulta o homem e avilta todos os seus poderes, principalmente os poderes mais altos. Enquanto os homens criam em Deus, passavam o tempo de maneira enobrecedora e enaltecedora. Saíam com o propósito de melhorar suas mentes. Liam os melhores livros que podiam encontrar, e sua conversação

que não foram totalmente eliminados. Sobreviveram por baixo de uma capa fina de cristianismo nominal. É notável que, segundo entendo, o "dia das bruxas" substituiu a prática religiosa (embora nem sempre correta) de pré-celebração do dia dos santos no chamado *"halloween"* (etimologicamente: véspera dos santos – véspera do dia dos santos). No mínimo se pode dizer que o culto a seres sobrenaturais substituiu o culto a seres relacionados com a religião. Há anos venho dizendo que o paganismo esteve oculto sob fina capa e modernamente reapareceu com grande força. (Esta minha palavra sobre *"halloween"* repete em parte a nota de rodapé que fiz constar no volume 6 de *Cristianismo Autêntico,* Capítulo 2, obra de Lloyd-Jones publicada por PES.) Nota do tradutor.

tinha referência à teologia, à política e a outros assuntos que requeriam o exercício da inteligência.

Quando eu digo isso, estou pensando, não somente em certas classes ou só em gente da cidade. Acontecia de maneira geral, e tanto com gente do campo como da cidade. Haverá coisa mais trágica do que comparar e contrastar o homem comum, digamos, de cinquenta anos atrás, com o homem a ele correspondente de hoje? O homem moderno vive dos jornais e dos periódicos,[4] repete opiniões de outros sem refletir pessoalmente, e passa o tempo ouvindo rádio ou sentado num cinema. Em suas conversas ele se interessa principalmente por esporte e jogo. Até o seu interesse por política degenerou, e ele se tornou tão apático que se deixou governar durante anos pelos políticos mais néscios e mais abelhudos que este país conheceu. Na verdade, pode-se construir uma boa argumentação dizendo que a indolência e o amor pelas comodidades e pelo prazer que caracterizaram a maioria do nosso povo são os fatores que explicam mais diretamente a presente guerra. Crimes cometidos no continente que, há cinquenta ou sessenta anos, teriam levantado todo o país, foram deixados sem quase nenhum comentário, quanto mais um vigoroso protesto. Tanto intelectual como moralmente, estivemos testemunhando um triste declínio, um declínio que é a invariável consequência de adorar e servir "mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente".

(iii) O apóstolo Paulo faz ainda mais uma declaração concernente ao pecado. Diz ele que o pecado é também repugnante. E ele não se contenta em simplesmente fazer uma declaração, mas a ilustra, dando-nos um quadro descritivo da

[4] E hoje da mídia, da internet. Nota do tradutor.

espécie de vida que se vivia naquele tempo. Ele nos dá uma lista dos torpes e horríveis pecados dos quais os homens e as mulheres eram culpados e com os quais se alegravam sadicamente – as perversões sexuais, "prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia" (Romanos 1:29-31). Que lista horrorosa! Que repugnante! Pode-se dividir facilmente a lista. Tudo o que me interessa fazer aqui é mostrar a fealdade e a torpeza disso tudo, o que se pode ver tanto na cobiça ou avareza, na malícia, na inveja, na malignidade, nos murmuradores e detratores, nos soberbos, etc., como nas formas mais grosseiras de licença e perversão sexual. A mesma concupiscência e paixão, o horrível "abrasar-se" a que Paulo se refere, vê-se em todos os pecados, muito embora nós nos inclinemos a deixar passar alguns como respeitáveis! Vemos como é fútil e ridículo tentar abrandar o peso do pecado quando pensamos nas astutas manobras, na paixão e na concupiscência que se manifestam no temperamento, na malícia, no ciúme, na inveja e em todas as maneiras pelas quais os homens e as mulheres conspiram e planejam destruir uns aos outros socialmente e em outros aspectos. Só há uma palavra própria para descrever isso tudo – é repugnante.

No entanto, novamente devemos lembrar que essa lista feita pelo apóstolo Paulo é uma descrição tão acurada da vida atual como o foi em seu tempo. Que relato mais perfeito se poderia fazer da nossa mentalidade dominada pelo sexo,

No entanto, novamente devemos lembrar que essa lista feita pelo apóstolo Paulo é uma descrição tão acurada da vida atual como o foi em seu tempo. Que relato mais perfeito se poderia fazer da nossa mentalidade dominada pelo sexo, que leva, como tem feito, à promiscuidade, à infidelidade, ao divórcio e à confusão moral da sociedade atual? A vida se tornou ruidosamente vulgar e feia, a decência e a castidade são quase[5] consideradas como sinais de fraqueza e de desenvolvimento incompleto. Tudo é justificado com base na necessidade de expressão pessoal ou de realização pessoal, e quanto mais animais formos, mais perfeitos seremos. O senso moral parece ter-se atrofiado, pois o que Jeremias disse da sua geração pode ser dito da nossa: "Porventura envergonham-se de cometer abominação? pelo contrário, de maneira nenhuma se envergonham, nem sabem que coisa é envergonhar-se" (Jeremias 8:12). Que tremenda acusação! Além de não terem vergonha – afundavam e se espojavam na lama!

Esse é o problema com o qual nos confrontamos. Existe em nós, no homem, este poder terrível e extraordinário chamado "pecado", que nos aliena de Deus e nos leva a odiá-lO, e ao mesmo tempo nos avilta e nos leva a uma conduta que só pode ser descrita como repugnante. Como é ocioso pensar nestes assuntos e discuti-los teoricamente. Que crime é observar a vida através de óculos cor-de-rosa. Só quando encaramos os fatos e compreendemos a verdadeira natureza do problema é que chegamos a ver que somente um poder é suficiente e adequado para solucioná-lo – o poder de Deus.

[5] Hoje poderíamos cortar o "quase". Nota do tradutor.

4

A Ira de Deus

"Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça." – Romanos 1:18

Neste versículo o apóstolo começa a mostrar a necessidade que o homem tem do evangelho que ele acabara de exaltar. Ele estivera descrevendo a natureza do evangelho e mostrando o único meio pelo qual ele e seus benefícios podem ser recebidos. Paulo se havia referido também ao senso de urgência que ele próprio sentia na obra de proclamar o evangelho. E agora ele começa a ilustrar tudo isso com vistas à situação humana. Por que a pregação do evangelho é tão urgente? A resposta é "porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". Por que a salvação é inteiramente questão de fé? A réplica é que os povos do mundo todo, judeus e gentios igualmente, são desesperadamente culpados diante

de Deus. Por que será que nada menos que o poder de Deus para salvação resolve a situação? A resposta é a devastação feita pelo pecado, tanto na posição do homem na presença de Deus, como também na natureza do homem.

Entretanto, o apóstolo começa discutindo o que é mais urgente e mais central – a ira de Deus. Ele estabelece que a ira de Deus é um fato e depois passa a considerar a causa da ira e da sua manifestação. Nas preleções anteriores nós adotamos a ordem inversa. Estabelecemos a causa e examinamos a situação primeiro, para podermos mostrar que tudo isso requer necessariamente a ira de Deus. Fizemos isso deliberadamente e pela razão que repetimos em cada ocasião – a saber, que a situação com a qual nos confrontamos tem um novo elemento que torna esse procedimento uma necessidade. A dificuldade que havia no tempo do apóstolo Paulo, como ele nos diz no versículo 32, não era que os homens negavam a ira de Deus ou não criam nela, mas antes que, apesar de conhecerem o juízo de Deus contra o pecado e contra os delitos, eles, não obstante, continuavam a pecar e a congratular-se com outros que faziam o mesmo. Outrora era assim também neste país. Mas, certamente, durante o século passado, deixou de ser assim. E agora os homens não apenas não ignoram mais a doutrina, ou não pecam a despeito dela; eles a negam, a contestam e na verdade a rejeitam inteiramente. Essa é a situação com a qual temos que lidar, e com a qual nos propomos ocupar-nos agora.

Num sentido, ainda estamos tratando da questão e do problema do pecado. Contudo, estamos interessados no aspecto do assunto em sua relação com Deus, e não em termos do homem, como fizemos na preleção anterior.

Há um aspecto desta questão da ira de Deus que precisamos

notar e no qual ela difere um pouco das questões com as quais estivemos ocupados até aqui. No principal, mas não inteiramente, foi certo dizer, quanto às falácias concernentes à atitude do homem para com a moralidade e sua visão totalmente inadequada do pecado, que elas pertencem ao mundo alheio à Igreja. Mas quando chegamos a esta particular questão da ira de Deus e à atitude dos homens para com ela, devemos considerar a situação dentro da Igreja tanto quanto, senão mais, a situação que prevalece fora dela. Pessoalmente, arrisco opinar que um dos principais fatores que explicam a perda de autoridade por parte da Igreja recentemente é sua crescente fuga desta doutrina. A princípio a Igreja a encobria, depois, por um tempo, não a mencionava, e, finalmente, passou a atacá-la e a negá-la abertamente.

Pode-se dizer com certeza que não há doutrina que seja tão generalizadamente repugnante para a maioria dos homens como esta particular doutrina. Dissemos que a doutrina do pecado revelada na Bíblia foi ridicularizada por muitos, mas entre os que aceitam o ensino concernente ao pecado há muitos que rejeitam inteiramente o ensino concernente à ira de Deus.

Para os que estão fora da Igreja e cujo conceito sobre o homem é a exata antítese do que se vê na Bíblia, esta doutrina é a real e final dificuldade. É uma coisa que pode ser descartada facilmente. A teoria deles sobre religiões comparadas e do desenvolvimento do homem provê prontamente uma explicação: esta doutrina nada mais é que a sobrevivência do instinto de temor projetado na crença em Deus. É apenas um resíduo do estado primitivo, algo que sobreviveu desde os

tempos dos tabus, quando o homem era tão ignorante que tinha que sofrer coerção para viver a reta espécie de vida. O certo é que alguns pretendem explicar facilmente toda essa questão em termos da psicologia. Langdon Brown, em sua obra intitulada *Thus We are Men* (Por conseguinte, somos homens), diz muito definida e dogmaticamente que o declínio da crença na ira de Deus seguiu curso paralelo ao do gradual desaparecimento do tipo vitoriano de pai, austero, autocrático, duro! Noutras palavras, a ideia é que no passado os homens projetavam em Deus os complexos que tinham sido criados dentro deles por seus pais. Não precisamos nos deter para mostrar quão completamente superficial é essa ideia. A mera citação de numerosos casos de homens que tiveram pais muito indulgentes mas que, não obstante, criam na ira de Deus, seria mais que suficiente para pôr fim a essa questão. E isso sem fazer uso da prova adicional dada por homens cujos pais tinham sido verdadeiros tiranos e que, contudo, rejeitavam *in toto* a crença na ira de Deus. Não paramos para tratar disso porque creio que todos nós estamos ansiosos para tratar deste assunto num nível mais profundo. Porquanto o verdadeiro problema que há com os que defendem essa posição é que eles realmente não creem em Deus.

Mas, independentemente deles, tem havido crescente objeção à ideia geral da ira de Deus, e isso da parte de pessoas que se preocupam profundamente com a questão da religião. Às vezes a causa da objeção é que a ideia da ira de Deus não é coerente com a ideia do amor de Deus. Não é que eles negam totalmente a ideia, porém que não conseguem conciliá-la com a doutrina do amor de Deus,

da qual eles têm certeza. Outros vão mais longe e negam totalmente a ideia da ira, e dizem que falar em ira de Deus é falsear gravemente a representação do Seu caráter. Para eles parece que há só um atributo em Deus, e esse é o Seu amor. Eles nunca mencionam Seus outros atributos, tais como a retidão, a santidade e a justiça. Todas as ideias associadas a esses atributos lhes são desagradáveis, ideias como equidade, juízo e punição. Eles enfatizam tanto o amor de Deus que chegam a dar a impressão de que o Novo Testamento simplesmente diz: "Deus é amor", esquecendo que ele diz também que "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5).

Outros assumem a posição segundo a qual dizem que, seja qual for a verdade acerca da ira de Deus, evidentemente não é sábio pregá-la e dar-lhe ênfase. Eles chamam a nossa atenção para a grande mudança que se operou nas condições da humanidade do ponto de vista do intelecto e do conhecimento. Eles concedem que, antigamente, a pregação e o ensino que enfatizavam esse aspecto da verdade podem ter sido muito úteis, mas que, hoje em dia, os homens se aborrecem com a simples sugestão de ameaças, e provavelmente se colocariam em posição antagônica ao evangelho em reação a tais métodos. Por outro lado, dizem-nos eles, os homens e as mulheres atuais, em seu estado de esclarecimento, estão sempre prontos a ouvir e a responder a um apelo. Eles se recusam a sofrer coerção ou a serem forçados, mas estão sempre prontos a responder ao chamado do amor.

Seja qual for a forma que a objeção tome, todos os que estão familiarizados com os fatos estarão prontos a concordar que, durante os cinquenta anos passados, muito pouco se

ouviu sobre a ira de Deus. Em geral a ênfase tem sido dada ao amor de Deus, quase à exclusão de tudo mais. Os efeitos e a repercussão disso têm sido muito mais amplamente divulgado do que muitas vezes imaginamos. Seu efeito no mundo da teologia tem sido profundo, principalmente com referência à mais central de todas as doutrinas, a saber, a doutrina da morte de Cristo e seu caráter expiatório. O conceito piacular[1] ou expiatório da morte de Cristo veio a ser quase desconhecido; a ideia de uma transação extraordinária realizada por Deus na qual o pecado foi tratado e punido no corpo do nosso Senhor na cruz, raramente é conhecida. A cruz passou a ser nada mais que uma manifestação e uma demonstração do amor de Deus. Não podemos demorar-nos nisto, mas observamos que é uma direta consequência da rejeição da doutrina da ira de Deus.

De modo precisamente igual, a doutrina da justificação pela fé somente caiu em desuso. Cada vez mais a salvação tem sido apresentada como uma ação praticada pelo homem, e Deus é retratado como apenas esperando pacientemente que nós Lhe façamos retribuição, numa atitude de amor. Fora incentivar-nos a que Lhe façamos essa retribuição, Ele é inteiramente passivo. Noutras palavras, é óbvio que a rejeição da ideia de que existe algo chamado ira de Deus com relação ao pecado afeta inevitavelmente todo o conteúdo da teologia cristã. E foi o que aconteceu. Mas também afeta outras esferas da vida. Essa rejeição tem influenciado a questão geral da vida no lar e da educação de filhos. E igualmente penetrou profundamente no

[1] Do latim *piaculum,* expiação, sacrifício expiatório. Nota do tradutor.

sistema educacional. E mais, os efeitos desse ensino se veem claramente na reforma do sistema prisional e em toda a maneira de ver a questão da punição dos crimes e dos delitos.

Exatamente como no caso do próprio evangelho, a ideia central é acabar com a ideia de recompensa e punição, e ensinar a importância da bondade por amor da bondade. Lei e disciplina, compulsão e padrão externo de certo e errado, o bem e o mal, têm se tornado crescentemente impopulares. O que nos dizem é que não devemos considerar Deus como um legislador que precisa lidar com o pecado e puni-lo. Não devemos pensar no pecado como levando a nenhuma punição além da que infligimos a nós mesmos em consequência dos pecados que cometemos. E devemos compreender que o jeito de melhorar as pessoas não é puni-las depois de terem praticado algum mal, mas, antes, manifestar-lhes amor. Devemos ter mais fé no homem e em sua bondade essencial, e simplesmente encorajá-lo a desenvolver uma vida melhor.

Noutras palavras, na religião e nas questões seculares, tem havido essa objeção profundamente arraigada à ideia geral de um legislador e de uma lei externa com um sistema de recompensas e punições. A ideia de autoridade tem sido considerada como um sinônimo de tirania. O homem tornou-se o padrão, e nada de fora lhe deve ser imposto. Há até os que dizem que o dever da educação não é tanto ensinar conhecimento à criança, como extrair o que há dentro dela. Eles não querem forçar a criança a aprender a ler, escrever e calcular. A criança é que deve decidir o que estudar, de acordo com seus gostos.

Portanto, a ideia geral da ira de Deus é considerada como

estando baseada num conceito inteiramente falso sobre Deus, e também sobre um conceito falso sobre o homem. Deus, como amor, não tem a mínima possibilidade de punir ou de querer punir. E o homem, se for tratado apropriadamente, e treinado e instruído do jeito certo, nunca jamais precisará sofrer punição.

Que é que temos para dizer a respeito?

(i) Primeiramente respondemos no nível prático ou pragmático. Quero dizer com isso que os fatos, puros e simples, servem para mostrar que os argumentos que temos mencionado são falsos. Depois veremos que também são falsos quando julgados por padrões mais altos.

Como indicamos, grande parte do argumento contra a fé na doutrina da ira de Deus tem sido apresentada de maneira mais ou menos utilitária. Nesse sentido nos é dito que o tipo mais antigo de pregação poria as pessoas fora da igreja, ao passo que, se déssemos ênfase e salientássemos mais o amor de Deus, a pregação atrairia o povo. A resposta pura e simples a isso é que os fatos indicam exatamente o oposto. Bastou a ideia do juízo e da ira de Deus ter ido parar nos fundos para que as nossas igrejas fossem ficando cada vez mais vazias. Tornou-se corrente a ideia de que o amor de Deus de algum modo cobre tudo, e que importa muito pouco o que fazemos ou façamos, porque o amor de Deus acertará tudo no fim. Quanto mais a igreja tem procurado acomodar a sua mensagem ao paladar do povo, mais tem sido o declínio da frequência aos locais de culto.

Mas ainda mais ominoso é o fato de que, ao mesmo tempo, a fé em Deus também declinou. Quando deixamos de crer em Deus como o Senhor de toda a terra, e como o Juiz Eterno

diante de quem compareceremos para prestar contas de nós mesmos, e quando se dá mais e mais a impressão de que Deus é tão-somente um ser benigno que sorri indiscriminadamente sobre todos, na mesma proporção os homens deixam de crer nEle e de relacionar suas vidas com Ele.

É simplesmente uma inverdade dizer que se tão somente enfatizarmos constantemente o amor de Deus os homens crerão nEle, ao passo que se pregarmos a Sua ira, a Sua justiça e a Sua retidão eles se colocarão em posição antagônica a Ele. É só quando os homens sabem algo do que significa o temor do Senhor que eles perseveram em crer em Deus.

Exatamente da mesma maneira, o argumento segundo o qual o homem moderno recusa sofrer coerção pelo temor de Deus para viver vida virtuosa, mas reagirão bem aos apelos, é inteiramente desmentido pelos fatos. Já vimos isso numa preleção anterior. Contento-me agora em dizer que, à medida que os homens têm deixado de crer na ira de Deus e têm descartado a ideia de lei e justiça, seus padrões morais têm se deteriorado gradativamente e a sua conduta tem se tornado lassa e solta.

Quanto ao argumento que diz que a fé na ira de Deus tem desaparecido em consequência do desaparecimento do tipo vitoriano de pai austero, certamente os fatos são os seguintes: assim como os homens deixaram de reconhecer Deus como Aquele diante de quem são responsáveis, e sob cujos olhos eles vivem, assim também o senso de disciplina e de ordem começou a desaparecer gradualmente de todas as relações da vida. O homem que não leva uma vida de obediência, logo deixa de se preocupar com o fato de que os seus filhos devem obedecer-lhe. O resultado é que a

disciplina no lar tem sido lamentavelmente negligenciada, os filhos não respeitam mais os seus pais como deveriam, e muito frequentemente esses filhos se tornam os tiranos do lar. O fato é que os que foram criados sob a disciplina austera e rigorosa, e por vezes dura, dos velhos tempos, tinham de fato mais profunda consideração e maior respeito por seus pais.

A crítica de que a crença na ira de Deus vai desaparecendo em consequência do desaparecimento do tipo vitoriano de pais é superficial, se não é que se deve meramente ao fato de que não encara a questão: por que os pais pararam de se conduzir daquela maneira? Que foi que os levou a essa mudança? Isso não pode ser atribuído ao aumento de conhecimento e cultura, pois muitos pais tiveram isso no passado, e nem por isso abandonaram o velho padrão nesse aspecto. Nenhuma sugestão que se possa fazer é adequada, salvo a que nós oferecemos. O senso de responsabilidade do homem perante Deus declinou, e ele deixou de acreditar que Deus ordenou todos os aspectos da vida, as ordens naturais da sociedade inclusive, de modo que as ideias de família e de lar, de casamento e de paternidade, e, na verdade, de lei e de ordem em geral, foram se soltando cada vez mais, e os homens se consideram suas próprias leis. E que real esperança haveria de paz e concórdia internacional, a não ser que as nações se disponham a reconhecer e a endossar uma lei que esteja acima delas e fora delas – uma lei que contenha sanções e poder, uma lei cuja infração leve a sofrimento e punição?

A teoria segundo a qual exageramos a importância da doutrina da ira de Deus, que pode ter sido benéfica e útil no

passado, é detonada por uma simples consideração dos fatos.

(ii) Mas, talvez tenhamos demorado demais na consideração do argumento nesse nível. Fizemos isso para mostrar a vacuidade e a superficialidade da teoria que estamos avaliando, quando julgada simplesmente com base na observação comum dos fatos da vida. Entretanto, nós temos uma verdade infinitamente mais importante para considerar. "Do céu se manifesta a ira de Deus." Não é questão de opinião ou de argumento; é um fato. A ira de Deus nos é revelada. Não importa absolutamente nada o que os homens pensem, digam ou decidam. Com a nossa esperteza, podemos fazer nossos deuses, ou tirar de Deus tudo o que causa repugnância às nossas mentes carnais, e prazerosamente imaginar que tudo está bem. Que paraíso de loucos! Que ridículo e pueril é tudo isso, sem levar em conta a arrogância aí presente! Não se trata apenas de uma teoria que, como já vimos, não pode apresentar fatos que a justifiquem; é uma direta objeção ao que foi revelado concernente a Deus. Que homens que não creem em Deus rejeitem a ideia de ira, é de esperar. O que é estupendo é alguém que acredita na categoria da revelação, e que aceita o que é exposto concernente ao amor de Deus, rejeite o que é exposto de maneira igualmente clara concernente à ira de Deus. A ira é parte igualmente integrante da revelação, como o amor. Na verdade, esse é o centro nevrálgico do argumento de Paulo neste ponto. É porque a ira de Deus contra o pecado já havia sido revelada que ele se orgulha tanto do evangelho, que é a revelação do plano de salvação.

Mas, como é revelada a ira de Deus? Ao considerarmos este ponto, tenhamos o cuidado de lembrar que não

devemos pensar na ira de Deus como geralmente pensamos na ira dos homens. A ira de Deus não é impaciência ou ira descontrolada. Não há nada de injusto ou de arbitrário nela. Representa, antes, o ódio de Deus ao pecado e aos delitos, o completo antagonismo da Sua santidade ao pecado, e Sua ira justa contra o poder rebelde que adentrou o mundo e a vida e que causou tão grande estrago entre as Suas criaturas.

Esta ira foi revelada. Como? Façamos breve revisão da resposta a essa pergunta.

Há, primeiro, o que se pode chamar "revelação geral".

Certamente é revelada na esfera da natureza propriamente dita, onde é evidente que há uma lei que assegura que toda e qualquer transgressão seja seguida de dor e sofrimento. Se ignorarmos certas leis, teremos que sofrer as consequências de dor subsequente. Pode-se ilustrar isso com algo relacionado com a saúde. Se deliberadamente fizermos algo que a prejudique ou que a ponha em perigo, sofreremos. Não somos agentes livres no sentido de que podemos fazer qualquer coisa que quisermos, livre ou relaxadamente. Se negarmos o Doador da lei, mais que certamente não poderemos discutir ou contestar o fato da lei.

No entanto, mesmo antes de chegarmos aos atos e a suas consequências, existe o fato da consciência. Temos senso do certo e do errado, e sabemos que não se deve fazer certas coisas. Como Paulo diz no versículo quinze do próximo capítulo: "Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os" (Romanos 2:15). Se tentarmos reduzir a nada a nossa consciência e negar a sua validade, em nosso julgamento

de outras pessoas e em nossas censuras das suas ações, o que faremos é reabilitá-la. Sim, pois com isso anunciamos que existe um padrão de julgamento e que existe um senso ou mesmo uma lei do certo e do errado, e de justiça. Há na humanidade um sentimento universal de que o erro deve ser punido e que as más ações devem sofrer suas próprias consequências.

Voltando-nos, porém, para a Bíblia, a revelação é ainda mais forte e mais explícita. A ira de Deus é uma parte da revelação especial da Bíblia. E se acha tanto no Velho Testamento como no Novo.

A ira de Deus constitui, evidentemente, a explicação do estado do mundo apresentada em Gênesis. Trabalho e tristeza, fadiga e suor, são a punição do pecado, e o fato de que a natureza "tem sangue nas garras e nos dentes" é tudo atribuído à mesma origem. O homem está condenado a seu presente modo de vida em consequência do seu pecado contra Deus.

Semelhantemente, o real propósito que estava por trás da dádiva da Lei era revelar a santidade de Deus, Seu ódio ao pecado, Sua determinação de punir o pecado. A Lei não visava prover um caminho de salvação; segundo o apóstolo Paulo, ela foi dada para que "pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno" (Romanos 7:13), para revelar o que Deus pensava do pecado, e o que Deus ia fazer, com relação ao pecado, no caso de todos os que se recusassem a aceitar Sua graça. A Lei "nos encerrou para Cristo"; ela nos faz ver a desesperadora necessidade que temos de Cristo, à luz da condenação do pecado.

Precisamente do mesmo modo, essa é a mensagem central

dos profetas. Os profetas não se limitavam a simplesmente conclamar o povo a uma reforma e a indicar o novo caminho pelo qual a nação devia andar. Eles não se detinham no chamado ao arrependimento. Na verdade, a própria urgência com que eles chamavam o povo ao arrependimento era devida ao fato de que estava próximo o "Dia do Senhor", o dia do juízo, o dia da condenação. "Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Isaías 55:6). "Pode ser que sejais escondidos no dia da ira do Senhor", diz Sofonias (2:3). Com Malaquias, todos eles viam a chegada do "dia que vem ardendo como forno" (Malaquias 4:1). Os profetas não eram meros professores de ética; eles foram enviados primariamente para convocar Israel para salvar-se da Nêmesis[2] à qual o seu pecado o estava levando inevitavelmente.

Mas, através de toda a história dos filhos de Israel no Velho Testamento, este ensino concernente à ira de Deus é revelado constantemente. Todas as aflições e tragédias dos indivíduos e das nações são explicadas dessa maneira. Seu esquecimento de Deus e seu afastamento dele sempre levam a alguma conturbação. Deus pune suas transgressões, às vezes ativamente, às vezes passivamente, permitindo-lhes que sigam seu próprio curso para colherem as consequências de tal modo de viver. O cativeiro na Babilônia não foi, primariamente, resultado de fracasso político e de derrota militar. Foi resultado direto de abandonar a Deus; foi a ira de Deus revelando-se contra o pecado do Seu povo. Exatamente

[2] "Deusa" da mitologia grega. Personificava a justiça e nessa representação premiava ou castigava os homens pelas ações que praticavam. Mais tarde veio a ser considerada a deusa da vingança, punindo os culpados. Nota do tradutor.

da mesma maneira, os acontecimentos que se deram no ano 70 A.D. – o saque de Jerusalém, a expulsão do povo judeu do seu território e a destruição do seu templo – são simplesmente o cumprimento literal do que lhes tinha sido dito repetidamente que ia acontecer, se não se arrependessem. A história do povo escolhido é, certamente, uma terrível lição objetiva da doutrina da ira de Deus contra o pecado.

Precisamos apenas mencionar o nome de João Batista para nos lembrarmos das palavras: "Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?" (Lucas 3:7). Na qualidade de último profeta, ele resume a mensagem profética com essa ardente frase. Daquele que Vem ele diz: "Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará" (Mateus 3:12).

Mas o ensino é igualmente claro e definido no ministério pessoal do nosso Senhor. Podemos anotar apenas uns poucos exemplos. Pensem neste assunto ao lerem Mateus, capítulo 7: "Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo"; e: "Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (7:19,23). Ou pensem nas palavras que Ele emprega ao falar aos discípulos sobre ter medo dos homens: "Não temais os que matam o corpo... temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo" (Mateus 10:28). Pensem também nas descrições do juízo em Mateus, capítulo 25, e em Lucas 13:23-30, e em Suas referências à cidade de Jerusalém. E em João 3:36: "A ira de Deus sobre ele permanece".

A mesma doutrina se vê nos ensinamentos registrados em Atos dos Apóstolos, com seu toque de clarim: "Salvai-vos desta geração perversa" (Atos 2:40), e em todo o ensino

das Epístolas. Entretanto, devemos notar particularmente a exposição da revelação da ira de Deus feita pelo apóstolo Paulo nos versículos 24, 26 e 28 do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos. De acordo com Paulo, Deus puniu o pecado daqueles que O tinham rejeitado, tinham se afastado dEle, e tinham feito seus próprios deuses – Deus puniu o pecado do mundo pagão antigo e revelou Sua ira contra da seguinte maneira: Ele "os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si... os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm" (1:24, 28). Noutras palavras, o estado real e concreto do mundo pagão antigo é uma demonstração da ira de Deus. Deus puniu o pecado deixando de restringi-lo, permitindo que seguisse seu curso e chegasse a seu resultado. Ele entregou as pessoas "a um sentimento perverso" (VA: "a uma mente reprovada"). Quanto mais ignoravam Deus e o negavam, mais, em certo sentido, estavam proclamando o Seu ser, a Sua existência. Temos a tendência de pensar que a ira de Deus deve manifestar-se na forma de punição ativa, mas aqui somos lembrados de que às vezes ela se revela tão-somente permitindo que o pecao corra solto e completamente desenfreado, mostrando-se em toda a sua torpeza e fealdade, em todo o seu horror.

Certamente esses fatos são de tremenda significação para a época atual. Não seria essa a explicação do presente estado em que o mundo e a humanidade se encontram? Pusemos as nossas próprias ideias sobre Deus e as nossas filosofias no lugar da revelação, tentamos construir um novo Jesus, e temos procurado ordenar e viver as nossas vidas de acordo

com as nossas ideias, e não com as de Deus. Durante um século essa apostasia vinha se processando, e os homens se gabavam do novo mundo que eles iam fazer. Por um tempo tudo parecia estar muito bem. Não aconteceu nada de terrível, e, para os fins do século dezenove e nos primeiros anos deste século [vinte], parecia haver chegado a era perfeita. Mas, daí para cá tivemos as duas guerras mais terríveis da história, e a vida se deteriorou e se degenerou do modo como já vimos. Que significa tudo isso? É apenas uma repetição do que Paulo diz: "Deus os entregou a uma mente reprovada". Deus nos deixou colher o que semeamos. É o juízo de Deus sobre nós, não no sentido de que Ele causou ou enviou guerra, mas que Ele permitiu que o nosso pecado agisse e levasse à suas inevitáveis consequências de sofrimento e dor. O estado em que se encontra o mundo na presente hora proclama alto e bom som "a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça", contra todo o pecado dos homens. Portanto, se negarmos esta verdade, significará apenas que alegamos conhecer mais sobre Deus do que os profetas, os apóstolos, e até mesmo Jesus Cristo.

Hesito em acrescentar algo. De nada mais estou seguro senão de que a suprema necessidade da presente hora é da pregação que proclame e anuncie "a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça", sem discussão nem apelo. As lições do estado atual do mundo devem ser propugnadas enfaticamente, e devemos advertir as pessoas de que, a não ser que se arrependam, coisa pior sofrerão. Como temos visto, o que quer que pensemos ou digamos, a realidade da ira de Deus contra o pecado é clara e patentemente revelada de muitas maneiras diferentes. E, contudo, vou acrescentar

algumas palavras a modo de resposta a objeções.

Não há nada que seja tão arrogante, ou tão perigoso, como o uso do tipo de argumento que diz que não devemos crer em nada concernente a Deus que não possamos crer a respeito do homem. O argumento soa muito plausível, mas esconde duas falácias fundamentais. A primeira é não entender o sentido da palavra "ira", e pensar nela em termos da ira humana pecaminosa. A segunda é não compreender a santidade de Deus e a diferença essencial que há entre Ele e nós. "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5). Mal conseguimos conceber isso, e, por essa razão, qualquer tentativa nossa de postular o que pode ser ou não ser verdade a respeito de Deus, é mera adivinhação de ignorantes. A justiça, a retidão e a santidade de Deus exigem insistentemente o Seu ódio ao pecado e a todas as obras do pecado. Qualquer outra coisa é inconcebível.

Mas isso não implica, nem por um momento, como erroneamente muitos parecem pensar, que, em vista disso, Deus não é um Deus de amor. Na verdade, é exatamente o oposto. É somente à luz do ódio e da aversão de Deus pelo pecado que realmente podemos ver o Seu amor e apreciar o encanto e a glória do evangelho. A medida da Sua ira contra o pecado é a medida do amor de Deus, pelo qual Ele está pronto a perdoar o pecador e a amá-lo, apesar do pecado. Apesar de tudo o que se falou e se escreveu acerca do amor de Deus durante o século passado, tem havido muito menos evidência de uma genuína apreciação do amor de Deus e muito menos prontidão a render-se a esse amor. A ideia de amor tem sido tão sentimentalizada que o amor de que falam veio a ser pouco mais ou pouco melhor do que uma vaga e geral benevolência.

evidência de uma genuína apreciação do amor de Deus e muito menos prontidão a render-se a esse amor. A ideia de amor tem sido tão sentimentalizada que o amor de que falam veio a ser pouco mais ou pouco melhor do que uma vaga e geral benevolência. O amor de Deus é santo. Ele se expressa, não por desculpar o pecado ou por fazer-lhe concessão; o amor de Deus dá o devido tratamento ao pecado e, contudo, faz isso de tal modo que o pecador não é destruído com o seu pecado, mas é libertado dele e das suas consequências. Como o nosso Senhor assinala na parábola que narrou ao fariseu Simão (Lucas, capítulo 7), é só quando compreendemos a nossa pecaminosidade, como Deus a vê, que podemos apreciar verdadeiramente o Seu amor. Aquele a quem muito se perdoa muito ama (7:47).

Finalmente, não há nenhuma base real para a objeção a este ensino concernente à "ira de Deus", pois o caminho de fuga está amplamente aberto. Não há necessidade de ninguém permanecer debaixo da ira de Deus. E é certo e seguro que esse fato estabelece definitivamente a questão. Se não houvesse escape, a situação seria muito diferente. No entanto, que é que pode acontecer com quem deliberadamente se recusa a aceitar a oferta de salvação, senão sofrer as consequências dessa recusa? E essa é a explicação da nota de urgência da pregação de Paulo e dos demais apóstolos, como também de todos os maiores pregadores, desde a era apostólica. É por isso que o evangelho é boa notícia, é boa nova. A ira de Deus já foi revelada. Contudo, agora o meio de escape dessa ira também é revelado no evangelho de Cristo. Discutir

5

A Única Solução

"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego." – Romanos 1:16

Com essas palavras o apóstolo Paulo introduz o tema fundamental desta grande Epístola. Tudo o que se segue é apenas o desenvolvimento dessa proposição. A palavra "porque", no início, estabelece a ligação com o que ele acabara de dizer. Ele tem uma mensagem, tem algo para dar aos gregos e aos bárbaros, aos sábios e aos não sábios. E de igual modo, ele acrescenta, está disposto a pregar o evangelho também em Roma. Na verdade, ele está ansioso para fazê-lo, e diversas vezes havia feito o propósito de pregar lá. Pois não se envergonha "do evangelho de Cristo", que ele prega.

Bem, nós precisamos entender perfeitamente a natureza da expressão que o apóstolo Paulo emprega. É a figura de linguagem chamada lítotes – o uso de expressão negativa para

expressar ideia positiva. Dizem que é uma forma de linguagem que caracteriza o inglês, que teme afirmar demasiadamente e que, por exemplo, quando pretende dizer que nos estamos saindo realmente bem em algum departamento da guerra, expressa o que pensa dizendo que "nós não temos motivo para estar insatisfeitos com o progresso feito até aqui". Noutras palavras, o apóstolo declara que tem orgulho do evangelho e que se gloria nele.

Mas por que ele empregou a forma negativa? Mesmo uma leitura apressada das suas Epístolas mostra claramente que, neste caso, esse uso não deve ser explicado apenas como questão de temperamento. Ele de fato dá força à sua declaração. Isso poderemos ver muito bem se trouxermos à memória alguns dos fatos concernentes à grande cidade de Roma, na qual viviam as pessoas para as quais o apóstolo escreveu estas palavras. O que verdadeiramente dizia respeito a Roma, naturalmente também dizia respeito a outras cidades nas quais Paulo tinha pregado, tais como Atenas e Corinto. Mas, afinal de contas, Roma era a grande metrópole do mundo naquele tempo. Era a sede do Governo Imperial, que governava a parte significativa do mundo daquela época, e, portanto, atraía tudo o que era mais prezado e mais valioso. Assim, todos os representantes das diversas religiões e escolas de filosofia e de pensamento iam para lá. Acima de tudo mais, porém, Roma era famosa por sua lei e por seu sistema de governo. Era, pois, uma cidade orgulhosa – a cidade mais orgulhosa do mundo. Gabava-se da sua riqueza e do seu poder, do seu saber e da sua cultura, das suas religiões e da sua política; e os seus grandes edifícios eram famosos em toda parte. Parecia uma

cidade perfeita, e em sua cultura e em seu progresso humano parecia ter alcançado o seu zênite. Ela era realmente a verdadeira encarnação do orgulho por sua grandeza e por suas realizações, num sentido em que dificilmente alguma cidade foi desde aquela época.

Roma mostrou em particular esse espírito em sua atitude para com a religião cristã. Muitos registros oficiais e não oficiais dão testemunho disso. Para ela nada podia ser mais ridículo do que a pretensão do evangelho. Sugerir que uma pequena e insignificante seita, pertencente em sua maior parte a uma das suas colônias mais pobres e a um dos territórios mais pobres conquistados por ela – sugerir, reitero, que essa seita possuía a mensagem de que toda a humanidade necessitava, era ridículo. E a completa insensatez de tal ideia ficava mais claramente demonstrada quando ficava evidente que a essência mesma dessa mensagem consistia em crer que um homem que pertencia a uma das cidades mais desprezadas, mesmo por seu país, e que, longe de ser um grande erudito ou filósofo, era apenas e tão somente um carpinteiro comum, era o Filho único de Deus. Mas o que fazia dessa pretensão uma pura loucura era o fato de que Ele, longe de ser um poderoso conquistador que tinha subjugado nações por Seu poder extraordinário, foi na verdade crucificado, em completa fraqueza e desamparo, entre dois ladrões. Toda essa reivindicação da desprezada seita chamada cristã era loucura para os gregos, com suas ideias sobre a filosofia; para os romanos era até pior. Sua pura e simples fraqueza era uma ofensa, além de qualquer outra coisa.

Ora, foi a pessoas que viviam numa atmosfera dessa natureza que Paulo proferiu as palavras que estamos considerando. À

orgulhosa e culta, metrópole do mundo, satisfeita consigo mesma, com toda a sua riqueza e com todo o seu poder, o apóstolo estava disposto a pregar o seu evangelho. Não só isso; estava ansioso por fazê-lo. Ele sabia o que Roma pensava do evangelho e que ela considerava todos os que criam nele e o apregoavam como seres que mereciam menos que desprezo. Entretanto isso não o aborreceu nem o afetou. E quando chegou lá, não foi de crista caída, nem achando necessário desculpar-se pela mensagem que apresentou. Pois tinha orgulho dela, gloriava-se nela, jactava-se dela e exultava nela. Para o apóstolo Paulo o evangelho era algo com o que tudo o que Roma era e de que podia gabar-se empalidecia, reduzindo-se a uma insignificância. Roma tentaria despejar ridículo, desprezo e opróbrio sobre quem quer que cresse no evangelho. Já havia feito isso, e continuaria a fazê-lo. Mas, sabendo tudo sobre Roma e sobre sua orgulhosa pretensão, Paulo não se envergonhava, pois sabia que o que ele pregava era uma necessidade para Roma, como para qualquer outra localidade, e que sua mensagem transcendia infinitamente em valor tudo o que os seus habitantes tinham e criam.

Agora, é preciso ficar bem claro para todos que a situação que confronta o evangelho e sua pregação na atualidade, neste e noutros países, é estranhamente similar à que estivemos descrevendo. Houve tempo em que se podia dizer que as "massas" do povo reconheciam a verdade do evangelho, e que admitiam e reconheciam que ele estava certo, mas não o punham em prática. Talvez tenham ido mais longe e tenham feito objeção às suas rigorosas exigências éticas e morais. Contudo, mesmo neste caso, elas pagavam tributo

ao evangelho e apenas levantavam defesas para o seu pecado e para as suas fraquezas. Naqueles dias o evangelho era reconhecido como a mensagem que apresentava o mais alto e melhor modo de viver. De fato, de acordo com alguns, era um modo de viver tão elevado e nobre que na verdade era impossível e impraticável. Por isso serviam-no com os lábios, mas falhavam na prática.

Essa era outrora a situação. Não é mais assim. Ocorreu uma grande mudança, e voltamos a uma situação semelhante à que prevalecia em Roma no tempo do apóstolo Paulo. A atitude geral para com o evangelho mudou completamente. Da condição na qual era reconhecido como certo e verdadeiro, passou para uma fase em que foi padronizado e ignorado. Mas hoje está sendo ativamente atacado e sofrendo oposição. Na verdade, alcançamos até um estágio situado além disso: está sendo ridicularizado e descartado. A alegação atual é que o evangelho é uma coisa que nenhuma pessoa razoável e com bom grau de educação pode aceitar e crer. É colocado na categoria de folclore e superstição, e é considerado um mero resquício dos dias em que os homens, em sua ignorância, eram escravos de diversos medos e fobias.

Alega-se que se pode provar tudo isso pelo avanço do conhecimento, pelos resultados das descobertas científicas e pela luz que a psicologia lançou sobre a natureza humana e sua estranha conduta. Certos aspectos do ensino moral do evangelho são aceitos e elogiados, embora alguns rejeitem até isso, mas, quanto às reivindicações centrais do evangelho – quais sejam, a deidade singular de Cristo, os milagres que Ele operou enquanto esteve na terra, Sua morte expiatória e Sua ressurreição literal e física, a Pessoa do Espírito Santo

e as declarações dos primeiros capítulos do livro de Atos – todas essas coisas são rejeitadas com desprezo e sarcasmo. Ser irreligioso ou antirreligioso tornou-se um sinal de cultura e instrução. Não só isso, mas também crer no evangelho é considerado como um dos maiores empecilhos para o verdadeiro progresso e desenvolvimento.

De acordo com o homem moderno, a salvação se acha no pleno uso das capacidades e faculdades humanas, que podem ser treinadas pelo conhecimento e pela educação. O homem deve salvar-se, o homem pode salvar-se. Está dentro dele a capacidade de fazê-lo. Essa é a essência do credo moderno. E se alguém se aventura a mencionar o evangelho de Cristo e sua oferta de salvação miraculosa, consideram-no muito atrás dos tempos e pouco menos que idiota. Além disso, se o tal insiste nesta mensagem, consideram-no insultuoso e o acusam de fazer algo que pode ter sido legítimo centena de anos atrás, quando o homem era ignorante e primitivo, ou que ainda pode valer no caso de selvagens não esclarecidos das selvas da África. E se ele fosse adiante e dissesse que o evangelho é a única esperança para a humanidade, individual e coletivamente, às gargalhadas o chamariam de lunático ou doido.

Não obstante, é precisa e exatamente isso que asseveramos hoje, como fez Paulo há muito tempo. E o fazemos sem sentir vergonha nem pedir desculpas. Acresce que os nossos motivos para fazer isso são precisamente os que animavam Paulo, e são os mesmos motivos que levaram todos os outros pregadores cristãos a fazerem o mesmo através das eras e dos séculos sucessivos.

Com um texto incandescente e glorioso como este,

vamos limitar-nos principalmente a uma declaração positiva, referindo-nos só de passagem, a título de crítica, às patéticas e estultas conversas e alegações daqueles que o rejeitam. Realmente há pouca necessidade de tomar tempo com crítica negativa. Só precisamos referir-nos ao estado atual do mundo, que nada mais é que um pavoroso monumento ao fracasso humano. Podemos acrescentar um pedido aos que rejeitam o evangelho de um modo que é forte reminiscência da atitude da Roma antiga, a que procurem conhecer bem a subsequente história daquela cidade orgulhosa, culta e poderosa, e de outras cidades e nações que mantiveram atitude similar.

Não! Não hesitamos em declarar que a única esperança para os homens é crer no evangelho de Cristo. Dizemos isso conhecendo muito bem toda a conversa sobre ciência, instrução e cultura. Dizemos isso sabendo que, no fim desta guerra, o mundo, exatamente como fez no fim da guerra de 1914 a 1918, anunciará confiantemente os seus planos e esquemas para um novo mundo, sem levar em conta o que o evangelho tem para dizer. Por que dizemos isso? Precisamente pelas mesmas razões extraídas pelo apóstolo Paulo das palavras do nosso texto. Ele as expõe muito claramente:

(i) Primeiramente e acima de tudo, Paulo se orgulha do evangelho porque é o meio de salvação. Nisso o evangelho difere de todas as outras coisas já oferecidas à humanidade como visão da vida e como modo de viver, e nisso sempre está a principal e maior razão pela qual devemos jactar-nos nele e exultar nele. Mas, analisemos um pouco este ponto e vejamos mais completamente o que essa verdade implica.

De imediato vemos que o evangelho possui uma

autoridade única. Pois todas as outras ideias com respeito à vida e a seus problemas são forjadas pelo homem. Em sua formulação melhor e mais alta, elas nunca vão além da esfera da especulação e da suposição. Às vezes os seus propugnadores falam com arrogante dogmatismo e certeza, dogmatismo e arrogância sempre característicos das mentes pequeninas. As grandes mentes e os pensadores mais profundos sempre reconheceram e confessaram que não sabiam. Sempre se contentavam em descrever-se como pesquisadores. Sua linguagem sempre foi, "Eu penso", "Eu opino", "Eu imagino", "Eu suponho", "Certamente deve ser esse o caso".[1] As grandes mentalidades reconhecem que não sabem e acabam admitindo que os problemas supremos da vida estão sempre envoltos em mistério impenetrável para a mente humana e seus poderes. O simples fato de que há tantas escolas de pensamento diferentes e divergentes dá eloquente testemunho dessa incerteza e incapacidade. O mundo antigo em que Paulo viveu tinha testemunhado o surgimento de muitas escolas de filosofia, cada uma com seus proponentes e próceres, e cada uma declarando ter se aproximado mais perto da suprema verdade e realidade do que qualquer outra. Algumas escolas se jactavam de Aristóteles, outras de Platão, outras de Sócrates e outras de Zenão.[2] Mas, em última instância, todos os sistemas acabavam numa incógnita. Cada escola desfraldava grande

[1] Lembro-me de um meu professor, no Seminário de Campinas (1950 a 1953), ao referir-se a obras de evolucionistas, comentar que uma palavra muito repetida nelas era "Talvez". Nota do tradutor.

[2] Também chamado Zênon de Eleia, filósofo grego pré-socrático (século quinto a.C.). Nota do tradutor.

saber e muito entendimento, e cada uma delas tinha seu sistema.

No entanto, ocorria outro fato no mundo antigo que provava quão inadequadas eram, no final das contas, todas as escolas. Era o imenso número de religiões então existentes. Sabia-se que, sozinho, o pensamento humano era insuficiente. Havia algo por trás do mundo; havia poderes e seres ativos e invisíveis. Não se podia explicar a vida sem invocar os deuses. E o Império Romano estava repleto das mais variadas religiões devotadas à adoração desses deuses, e dos seus respectivos templos. Vemos um quadro perfeito disso em Atos, capítulo 17, quanto a Atenas. A mesma coisa ocorria em Roma e em todas as outras grandes cidades. Com toda a sua pompa e circunstância, e com todo o seu orgulho e conhecimento, nada tinham senão incerteza e o espírito de temor. Jactavam-se dos nomes dos seus grandes homens e dos seus grandes sistemas filosóficos. Mas, quão vazia era sua jactância! Os próprios grandes homens tinham que reconhecer que não sabiam, e o suicídio era cada vez mais comum entre eles. Que loucura é gabar-se do poder cerebral, do entendimento e do discernimento do homem, e da natureza maravilhosa dos processos do pensamento, se finalmente tudo isso der em nada! Paulo, porém, tem algo essencialmente diferente para oferecer e para pregar. Ele conhecia os outros sistemas. Mas também conhecia os limites deles e sua incapacidade de resolver os problemas. Ele não podia gloriar-se nos homens e em seus sistemas.

Para que pudesse gloriar-se num sistema, esse precisaria ter autoridade, precisaria inspirar confiança e certeza. É preciso que tal sistema não seja mera aproximação da verdade,

mas que seja a Verdade propriamente dita. Especulações não salvam, mas o evangelho que Paulo pregava não era especulação; era uma revelação do próprio Deus. Como ele diz escrevendo aos gálatas: "Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (Gálatas 1:11,12). Não havia necessidade de envergonhar-se de tal mensagem. E é precisamente a mesma coisa hoje. Vejam tudo o que se escreveu, pregou e ensinou nos cem anos passados. Num sentido, nunca a capacidade e o esforço do homem foram exercidos em tal medida. A filosofia foi glorificada e o homem reivindicou ser capaz de solucionar o enigma da vida e do universo. Nunca o homem foi tão orgulhoso de si, de suas realizações e do seu entendimento. Qual foi, porém, o resultado disso tudo? Que se pode dizer da vida atual? Não estaria claro que estamos precisamente na mesma situação em que o mundo estava no tempo de Paulo?

Oh, a tragédia disso tudo! Temo-nos gabado de processos e sistemas, mas eles não deram nenhum bom fruto. Temo-nos orgulhado da nossa capacidade de pensar, mas a função do pensamento é chegar a conclusões válidas. Sejamos sinceros. Estaríamos nós mais perto da solução dos problemas da vida do que estavam os filósofos que viveram e morreram antes de Paulo? Vê-se a resposta no estado em que se encontra o mundo moderno. O nosso conhecimento só cresceu no que se refere às coisas externas da vida, suas amenidades e seus prazeres. A vida mesma continua sendo um enigma, e a arte de viver parece tão ilusória como sempre. Os sistemas rivais ainda falham e não conseguem satisfazer nossas necessidades.

Mas o evangelho não é uma filosofia. Não é ideia humana, nem resultado de esforço e de pesquisa do homem. É a revelação do que Deus pensa e diz acerca da vida.

Contudo, tenhamos o cuidado de observar também que o evangelho não é meramente uma declaração do que Deus deseja e espera de nós. Não é um mero programa ético e moral, nem um mero esquema social. Não é simplesmente um chamado a que vivamos uma espécie de vida mais elevada e mais nobre. Em certo sentido, isso é verdade quanto ao Velho Testamento e à sua revelação, mas a humanidade tinha fracassado por completo e não tinha conseguido responder-lhe satisfatoriamente. O evangelho de Cristo não é uma repetição disso numa forma ainda mais impossível. Não é, então, unicamente a revelação do que Deus espera de nós e o modelo de vida ao qual Ele quer que nos conformemos. É isso sim, mas, de acordo com Paulo, é algo mais maravilhoso ainda. Se fosse só isso, já seria algo do que poderíamos ufanar-nos e no que poderíamos gloriar-nos, pois é um modo de viver infinitamente superior a qualquer coisa produzida pelo homem. Mas, afinal, não poderíamos exultar e gloriar-nos nisso, pois simplesmente significaria a nossa condenação e proclamaria o nosso fracasso final e a nossa perdição.

Não, a glória do evangelho é, primariamente, um anúncio do que Deus faz, e fez, na Pessoa de Jesus Cristo. Essa era a essência do evangelho de Paulo, como ele passa a mostrar no restante da Epístola. Esse era o evangelho pregado por todos os apóstolos. Eles pregavam Jesus como o Cristo. Faziam uma proclamação, um anúncio. Primariamente, chamavam as pessoas para ouvirem o que eles chamavam "boas novas".

Não delineavam em primeira instância um programa para a vida e para o modo de viver. Não eram indicadores de um ponto de vista que convidavam as pessoas a aceitar. Não iam pelo mundo para, em primeira instância, propagar uma nova ordem ou um novo plano de vida.

Eles começavam expondo fatos e explicando o que eles significavam. Pregavam, não um programa, mas uma Pessoa. Eles diziam que Jesus de Nazaré era o Filho de Deus vindo do céu à terra. Diziam que Ele manifestou e demonstrou Sua deidade única vivendo uma vida sem pecado, sem mancha, perfeita, uma vida de completa obediência a Deus, e realizando milagres. Sua morte na cruz não foi meramente o fim da Sua vida resultante da Sua rejeição por parte dos Seus próprios patrícios; Sua morte teve um significado mais profundo e realmente eterno. Foi algo que tinha que acontecer para que a humanidade fosse reconciliada com Deus. Foi uma transação entre Deus o Pai e Deus o Filho. Foi o Filho levar os nossos pecados "em Seu corpo no madeiro" e foi o cumprimento da antiga profecia de Isaías, que dissera que o Messias seria "ferido pelas nossas transgressões" e que "pelas suas pisaduras (seríamos) fomos sarados" (Isaías 53:5). Verdadeiramente, como Paulo diz noutro lugar, "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19).

Mas isso não foi tudo. Ele havia ressuscitado do túmulo, tinha Se manifestado a certas testemunhas escolhidas e depois ascendeu ao céu. Do céu Ele havia enviado o dom do Espírito Santo sobre a Igreja Primitiva, e lhe tinha levado, não somente um novo entendimento, mas nova vida e poder. Suas vidas haviam sido transformadas inteiramente, e agora eles tinham

vida real e verdadeira. Essa era a mensagem. Toda a sua ênfase era no que Deus tinha feito. Seu conteúdo era o plano divino de salvação e de tornar justos os homens. O homem tinha apenas que aceitar a mensagem e sujeitar-se a ela. Havia, na verdade, algo do que se orgulhar da mensagem como tal. Havia aí algo que capacitava quem quer que fosse a encarar estóicos e epicureus em Atenas sem rubor nem desculpa; aí estava uma mensagem que fazia as mais altas e maiores filosofias parecerem nada mais que o sussurro e o balbucio dos bebês.

(ii) Um segundo motivo para o cristão gloriar-se e jactar-se no evangelho *é que ele funciona* – ele é "*o poder* de Deus para salvação". Não deve causar surpresa o fato de Paulo empregar a palavra "poder" ao escrever para Roma. Essa era a grande palavra dos romanos. E eles tendiam a julgar tudo em termos de poder. Roma era a grande cidade, a grande Capital Imperial, e poder era para Roma o que sabedoria era para Atenas. Não levavam coisa alguma em consideração, senão somente o que funcionava e tinha poder. Pouco importava quão nobre e excelente uma coisa era em si, quão sublime como concepção, a menos que funcionasse e produzisse resultados. Os romanos eram essencialmente pragmáticos e utilitaristas em sua maneira de ver as coisas. Esse era para eles o teste e o padrão. Paulo sabia disso, e, porque sabia disso, ele lançaria o seu desafio. Porventura eles testariam um evangelho por seus resultados?

Muito bem, ele está pronto para enfrentá-los. E mais: está pronto para desafiá-los. Que é que todo o seu conhecimento e cultura, e a sua multidão de religiões, tinham realmente produzido? Se eles estavam realmente interessados

em resultados – bem, que os apresentem. Que tipo de vida levavam os cidadãos do Império Romano? Qual era o nível da sua moralidade? E ele passa a responder a suas próprias perguntas com as palavras que se encontram no trecho que vai do versículo 18 até o fim do capítulo. Esse era o tipo de vida do povo. Seria isso sucesso? Seria isso civilização e cultura? Seria isso algo do que se gabar? Qual a importância e o valor de todas as filosofias, se elas não podem tratar adequadamente dos problemas da vida? Elas parecem intelectuais e são extremamente interessantes, mas o dever de uma filosofia não é levantar problemas, e sim resolvê-los.

Ele, o próprio Paulo, outrora se gabara da lei judaica e do seu sucesso pessoal em cumpri-la. Todavia, chegou a perceber que tudo aquilo de que ele se gabava era meramente algo externo; quando chegou a ver o significado espiritual, real, interior da lei, descobriu que ele era um completo fracasso. Ele desenvolve esse tema no capítulo 15 desta Epístola. Todos os esforços do homem para resolver os problemas da vida falham, sigam eles linhas puramente intelectuais, ou consistam de esforço e luta moral, ou seja, um penoso afadigar-se ao longo do caminho do misticismo. Mas o evangelho que agora ele (Paulo) pregava, funciona! Tinha funcionado em sua vida. Tinha mudado e transformado tudo. Tinha trazido paz e repouso à sua alma e lhe tinha dado vitória em seu viver. E tinha feito isso com incontáveis milhares de outras pessoas. Como é que o evangelho tinha feito isso? Paulo responde essa pergunta no contexto imediato.

A chave para a resposta acha-se no fato de que o evangelho, e somente o evangelho, encara e expõe os problemas fundamentais do homem e suas necessidades, e realmente

lhes dá o devido tratamento. Somente o evangelho enfrenta os fatos em sua completa nudez e em seu total horror; somente o evangelho tem a correta visão do homem como ele de fato é. Sem uma verdadeira antropologia, será ocioso discutir soteriologia – o diagnóstico deve preceder ao tratamento. O evangelho é único nos dois sentidos. Só ele faz o diagnóstico acuradamente; só ele tem o remédio. Observemos qual é o método que ele segue para fazer isso. Quais são os maiores e principais problemas da vida e do homem? Em que se acham as causas da nossa miséria e dos nossos fracassos, e da vida como ela é no mundo de hoje? Já as estivemos considerando em nossas discussões anteriores a esta parte.

Primeiramente e antes de tudo, temos que nos defrontar com a realidade da ira de Deus. Paulo parte desse ponto porque, obviamente, esta é a questão mais importante e mais séria que há. Mas, que lástima! Esta é justamente a coisa na qual a humanidade nunca pensa, a coisa que ela nunca considera nos cálculos e planos que faz. Toda esquematização, todo planejamento e todo pensamento são feitos puramente em termos do homem. E é por isso que sempre falham e estão sempre condenados a falhar. Como é possível fazer planos para a vida e para o mundo e, ao mesmo tempo, excluir Deus, que é o Criador, o Mantenedor e o Controlador de todas as coisas? Deus não se restringiu a criar o mundo,[3] mas se interessa ativamente por ele, e constantemente intervém em suas atividades e preocupações. Suas leis são absolutas e não podem ser evitadas. Ele decretou que a desobediência, o mal e o pecado devem ser punidos, e uma das formas de punição é permitir que as nossas ações tenham seus próprios frutos

[3] Como em geral pensam os agnósticos. Nota do tradutor.

e consequências, aqui e agora, neste presente mundo. Deus decidiu, ordenou e dispôs que uma vida de esquecimento dEle e de antagonismo a Ele não tenha sucesso nem seja feliz. Maldição cai sobre esse modo de viver. Essa é a história geral da humanidade desde o princípio, continua até hoje e continuará assim até o fim dos tempos. A humanidade se recusou a reconhecer isso – na verdade o ridicularizou. Confiava em que podia ter bom êxito sem Deus. Mas, que dizer dos resultados? Fracasso constante. Deus não pode ser contrariado nem frustrado. Os fatos da vida, o transcorrer da história, proclamam a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça. Esse é o nosso primeiro problema. Nós pecamos contra Deus. Estamos numa relação errada com Ele. Sua ira está sobre nós. Tornamos impossível a Deus abençoar-nos. Sua natureza Santa exige que Ele nos puna e puna as nossas transgressões.

Que podemos fazer a respeito? Nada! Nossas lágrimas, nossa tristeza, nossas obras e nossas lutas de nada valem. Não podemos fazer expiação pelo nosso passado, nem desfazer nossas más ações, nem fazer compensação por elas. Ninguém pode cumprir a lei. "Não há um justo, nem um sequer" (Romanos 3:10). "Toda boca esteja fechada." O mundo inteiro é culpado diante de Deus (Romanos 3:19). Então não há esperança? Não se pode fazer nada?

Graças a Deus, o evangelho de Cristo dá a resposta, como já vimos. Deus em Cristo já tratou devidamente dos nossos pecados. As exigências da santidade e da justiça foram satisfeitas – Cristo "por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação" (Romanos 4:25). Deus em Cristo está disposto a nos receber. Em Cristo,

que Se fez "maldição por nós" (Gálatas 3:13), a maldição pronunciada contra o pecado foi removida, e há esperança para todos. A lei de Deus, que decreta trabalho, tristeza e miséria como resultados do pecado, foi satisfeita. Deus em Cristo nos oferece perdão e absolvição, e em lugar de maldição, bênção. Sem Deus não podemos ser felizes, pois "os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz" (Isaías 57:21). Tentemos quanto quisermos, como a humanidade fez, não poderemos ter sucesso. O primeiro passo é ter o favor de Deus, e em Cristo isso é gloriosamente possível – na verdade nos é oferecido.

Entretanto, isso levanta outra questão. Por que é que o homem está numa relação errada com Deus? Por que é que o homem sempre escolhe pecar? A resposta é que o homem caiu e ficou afastado de Deus, e, em consequência, toda a sua natureza ficou pervertida e se tornou pecaminosa. A propensão geral do homem é permanecer longe de Deus. Por natureza ele odeia Deus e acha que Deus é contra ele. Seu deus é ele próprio – suas habilidades, seus poderes, seus desejos. Ele faz objeção à ideia geral de Deus e às exigências que Deus lhe faz. Nos estudos anteriores já vimos isso exposto em detalhe. Além disso, o homem gosta das coisas que Deus proíbe, e as cobiça, e não gosta das coisas e da espécie de vida para as quais Deus o chama.

O que digo não são meras afirmações dogmáticas. São fatos. Somente estes explicam a prontidão das pessoas para aceitarem qualquer teoria, por mais frágil e mais destituída de fatos e de provas, que conteste e questione a existência de Deus ou o elemento sobrenatural da religião. Somente os fatos explicam a confusão moral e a torpeza que caracterizam

em tão grande extensão a vida atual. No que se refere aos fatos, isso é reconhecido por todos os pensadores sérios. Mas todos os que não são cristãos encaram os fatos de maneira tão superficial que as suas propostas relativas a eles inevitavelmente falham. Eles só se interessam pelos atos dos homens, e procuram inventar métodos de persuadir os homens a se refrearem e a não praticá-los. Escrevem livros e fazem palestras sobre as más consequências do pecado, tanto na esfera individual como na social; pintam seus incandescentes quadros descritivos do outro tipo de vida. Mas em tudo isso eles ignoram o problema central, que é:

Por que o homem sempre deseja o que é errado ou mau? Essa é a questão. Por que é que o homem, confrontado com o bem e o mal, o certo e o errado, e sabendo quais são as consequências, as dolorosas consequências que decorrem de seguir a prática do mal, não obstante escolhe o erro e o mal? E isso acontece não meramente com homens comuns ou ignorantes, mas com todos os homens, mesmo os mais intelectuais e cultos, e os que passam a vida considerando estes problemas. Por quê? Que é que explica isso? Somente uma resposta é satisfatória: a resposta dada pelo evangelho de Cristo. A natureza do homem é decaída. O homem está errado e é mau no seu âmago, e, portanto, tudo dá errado. Não há como melhorá-lo, pois, em termos finais, nada será suficiente para isso, a não ser uma mudança radical, uma nova natureza.

O homem ama as trevas e odeia a luz. Que se pode fazer por ele? Pode ele mudar a si mesmo? Pode ele renovar sua natureza? "Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo

as suas manchas?" (Jeremias 13:23). Pode o homem mudar todas as tendências da sua vida? Deem-lhe nova roupa, providenciem para ele uma nova casa, um novo meio ambiente, distraiam-no e entretenham-no com tudo o que há de melhor e mais enobrecedor, eduquem-no e treinem sua mente, enriqueçam sua alma com doses frequentes da mais fina cultura já conhecida, façam tudo isso e mais, e ainda permanecerá o mesmo homem essencial, e os seus desejos e a sua vida recôndita não sofrerão mudança. Se isso não fosse verdade, o mundo e o homem individual há muito tempo teriam chegado à perfeição. Pensem em toda a obra dos filósofos e pensadores. Considerem as titânicas transformações e as leis sociais dos cem anos recém- passados [a contar de 1941], com todos os esforços feitos para solucionar os problemas da humanidade. Todas essas coisas são boas e certas, a seu modo e dentro dos seus circunscritos limites.

Ainda, porém, é deixado sem solução o grande problema. O homem precisa de uma nova natureza. De quem ou de onde ele pode obtê-la? Outra vez há somente uma resposta: em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele veio do céu e tomou sobre Si uma natureza humana perfeita e completa. Ele é Deus e homem. Unicamente nEle o divino e o humano estão unidos. Ele Se oferece para dar-nos a Sua natureza. Ele deseja fazer de nós novos homens. Ele é "o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Todo aquele que nEle crê, e O recebe, obtém esta nova natureza, e, como resultado, todas as coisas passam a ser diferentes. Aqueles que odiavam Deus, agora O amam e desejam conhecê-lO mais, e conhecer mais sobre Ele. Seu supremo

conhecê-lO mais, e conhecer mais sobre Ele. Seu supremo desejo agora é Lhe serem agradáveis, honrá-lO e glorificá-lO. As coisas que anteriormente os deleitavam agora eles odeiam e detestam, e os caminhos de Deus são os caminhos que agora eles desejam. O eu que eles glorificavam e que sempre desejavam agradar, agora odeiam e consideram seu pior inimigo. E isso, por sua vez, coloca-os numa relação inteiramente nova com os outros seres humanos, seus semelhantes. Amando o Senhor seu Deus primeiro, veem-se amando o seu próximo como a si mesmos. O eu e a preocupação com o eu são a grande causa de toda briga e luta e guerra. O orgulho é a raiz de toda discórdia social. No entanto, em Cristo o eu é crucificado e a paz torna-se verdadeiramente possível. Uma nova sociedade só é possível quando temos novos homens; e somente Cristo pode produzir novos homens.

Mas, tendo dito isso, ainda nos é deixado outro grande problema. O pecado não é somente algo que há dentro de nós; é um poder extraordinário, uma poderosa força fora de nós. O pecado entrou na vida humana de fora e atacou até o Filho de Deus. O fato de eu ser perdoado é glorioso; o fato de eu ter nova natureza é maravilhoso e melhor ainda. Contudo, ainda me resta enfrentar esse terrível poder que se põe contra mim e que luta para me derrotar e para me pôr numa escravidão. Ele tem derrotado os mais poderosos e os mais fortes. Ele não hesitou em medir forças até com o próprio Deus. Sua astúcia e suas insinuações vêm ao meu encontro em toda parte. Quem sou eu para confrontar tal inimigo? Que e o homem, em suas melhores condições, para enfrentar tal antagonista? Quem pode vencer o Golias

pode livrar dessa encarnação dos filisteus? Quem pode vencer este inimigo que derrotou Adão em toda a sua perfeição e inocência, e o lançou na desgraça e na morte? O homem não pode, pois os homens fracassaram. "Não há um justo, nem um sequer" (Romanos 3:10). "O mundo jaz no maligno" (1 João 5:19). Ele é o homem bem armado, que mantém em segurança a sua casa (ver Lucas 11:21). Está tudo perdido? Vamos ter que continuar a lutar e a lutar em vão? Não! Um Davi apareceu para ferir esse Golias; um Jônatas tornou a desarraigar os filisteus. O Homem entrou nas fileiras e desferiu no inimigo uma ferida mortal, da qual ele nunca se recobrará.

"Oh, a amorosa sabedoria de nosso Deus!
Quando tudo era pecado e vergonha,
Um segundo Adão para a luta
E para o resgate veio!

Oh, sapientíssimo amor!
A carne e o sangue,
Que em Adão falharam,
De novo lutaram contra o inimigo,
Lutaram e prevaleceram!"

Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, venceu satanás. Tentado e provado ao máximo, Ele não somente emergiu sem ter sofrido dano algum, mas também expulsou "o príncipe deste mundo" (João 12:31). Ele, "despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo", cravando-os na cruz (Colossenses 2:15). A Semente da mulher feriu

a cabeça da serpente (Gênesis 3:15). Ele venceu a morte, o túmulo e todos os poderes que são inimigos do homem e dos seus mais altos interesses. O Leão da tribo de Judá prevaleceu – sim, e não somente para Si, mas também para nós. Ele nos oferece o Seu poder e nos permite revestir-nos de Sua própria força. Não somente não mais necessitamos ser derrotados; em Cristo podemos tornar-nos mais que vencedores sobre todo e qualquer poder que se levante contra nós.

Existem os problemas do mundo, os problemas da humanidade, seus problemas e meus. O evangelho os expôs e os resolve. Cristo satisfaz todas as necessidades, e só Ele o faz. Ele "tudo faz bem" (Marcos 7:37). A mensagem do evangelho é a respeito dEle e do que Ele fez. Não é teoria. O evangelho funciona, como as vidas dos cristãos de todos os séculos testificam. Envergonhar-nos dEle? Mil vezes não! Envergonhemo-nos de todas as outras coisas, do nosso tolo orgulho, da nossa vácua pompa e ostentação, dos nossos fúteis esquemas e vãs lutas que dão em nada. Não! Não! "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê."

(iii) Mas a expressão "todo aquele" leva-nos a um terceiro motivo que Paulo tinha para gloriar-se no evangelho. É o plano divino de salvação; este funciona, e, acima de tudo, funciona para cada um, para qualquer um, para todos. Aqui também temos algo em que o evangelho é único, é singular. É para o judeu primeiro, mas também é para o grego. É para o sábio e o não sábio. Nenhuma classe ou espécie de pessoa é excluída do seu escopo e de sua amplitude de universal abrangência. Aqui há então uma coisa na qual o

cristão tem verdadeiramente o direito de gloriar-se. Todas as coisas acerca das quais outros se gabavam e nas quais se gloriavam interessavam a determinados setores e partidos e eram limitadas quanto ao número dos seus adeptos. A todas faltava universalidade. Algumas religiões atraíam certo tipo de pessoa; outras atraíam um tipo diferente. A filosofia só interessava aos sábios e cultos, e nada tinha para oferecer aos bebês, aos inexperientes e aos pobres. Não havia nem uma só filosofia que atraísse todos. Havia escolas rivais, e o que satisfazia a uma era rejeitado por outra. A força e o poderio militar atraíam os fortes e os nobres, e os ideais do direito e da justiça tinham os seus devotos. O nacionalismo só despertava o interesse dos cidadãos de cada um dos diversos países, como Roma sabia muito bem em suas tentativas de submeter todos à sua hegemonia. O mundo estava dividido e prevalecia a discórdia. Aquilo em que um se gloriava era anátema para outro, e todas as tentativas de produzir algo universal que satisfizesse a todos tinham falhado. Portanto, como poderia alguém jactar-se honestamente de qualquer das diversas propostas?

Todavia, o evangelho de Cristo é inteiramente diferente. É para qualquer um, para cada um, para todos. Seu segredo é que ele não espera nada do homem, exceto fracasso, pecado e fraqueza. Todas as demais ideias só visam certos tipos de estrutura e de temperamento psicológico; elas têm que pressupor alguma coisa em nós. E sem isso elas falham inevitavelmente. Um homem se gloria em seu país, e não noutro; outro, sem inteligência e sem habilidade natural, verdadeiramente não pode aprender e entender. E assim por diante, em toda a lista de propostas e de panaceias. Mas o

evangelho não se preocupa com nossas diferenças naturais. O evangelho centraliza-se no que partilhamos em comum – pecado e rebelião contra Deus, fiascos em nossas vidas, e um sentido de vergonha. O evangelho arrasa todas as distinções colocando-nos juntos diante de Deus. E faz isso, é bom acrescentar, ajudando-nos e defendendo-nos em nossa fraqueza e desvalimento, e baseando sua eficácia no poder de Deus.

Portanto, não importa quem ou o que somos. Ninguém pode ser alto demais nem baixo demais para o cumprimento do propósito do evangelho em sua vida. Isso de sábio e não sábio, grande e pequeno, douto e ignorante, rico ou pobre é coisa que não existe. Já não há judeu e gentio, bárbaro ou cita, homem ou mulher, escravo ou livre. Deus nos vê como almas perdidas, sem esperança, desvalidas e perdidas. E nos oferece a mesma salvação.

Outros estiveram em Roma antes de Paulo, grandes filósofos e mestres. Eles procuravam alguns a quem dirigir-se – os grandes e os nobres – mas não tinham nada para dar aos pobres. Paulo está pronto para pregar a todos – ao imperador em seu trono, aos conselheiros e capitães, mas também aos soldados e aos escravos, aos marginalizados e desprezados. Ele tem uma mensagem para todos, e é a mesma mensagem para todos. Ter vergonha disso? Ora, o evangelho é a única coisa que é digna de nossa jactância e de nossa exultação, pois somente ele é suficientemente grande e amplo para tratar do mundo inteiro e para incluir o louvor de todos.

Quão diminutivamente insignificantes parecem as diversas coisas das quais se gabam os homens, quando postas ao lado de Jesus Cristo e Seu evangelho. A atração exercida

por elas restringe-se a setores, falta-lhes poder, e elas só levam a fracasso e decepção.

Há somente uma mensagem que pode incluir o mundo inteiro, apesar de todas as divisões e distinções. Há somente um poder que pode juntar todos os homens, uni-los e fazer deles uma verdadeira irmandade. Há somente uma solução para o problema do homem individual e para o mudo inteiro. É "o evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê".

Todos aqueles que creem no evangelho de Cristo e experimentaram sua veracidade e seu poder, juntam-se ao apóstolo Paulo em sua proclamação, em seu cântico: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gálatas 6:14). O coro já entoa alto louvor, mas o louvor será mais alto, pois, João, descrevendo sua visão, diz: "E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares, que com grande voz diziam: digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças. E ouvi a toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre" (Apocalipse 5:11-13). Queira Deus conceder-nos que nos encontremos entre essa bem-aventurada multidão. A fim de que essa bênção nos seja assegurada, só temos que crer em Cristo, render-nos a Ele e passar a fazer dEle o nosso único motivo de satisfação, aqui e agora.

OUTROS TÍTULOS PELA "PES"

Aprendendo a estar contente – J. Burroughs
Atributos de Deus, Os – A. W. Pink
Avivamento (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Breve teologia da evangelização – H. M. P. Costa
Caminho de Deus, não o nosso, O – D. M. Lloyd-Jones
Caminhos misteriosos – D. Kingdon
Cantando ao Senhor – D. M. Lloyd-Jones
Clamor de um desviado, O – D. M. Lloyd-Jones
Como posso EU ter certeza? – F. Allred
Confronto com Deus – J. D. MacMillan
Conquistador de almas, O – C. H. Spurgeon
Correção: uma prova do amor de Deus – P. Golding
Criando filhos: o modo de Deus – D. M. Lloyd-Jones
Cristianismo autêntico (bro e enc) Vols.1-6
– D. M. Lloyd-Jones
Cura miraculosa – H. W. Frost
Declarado inocente – J. Buchanan
Depois da morte: o que? – E. Donnelly
Depressão espiritual: suas causas e cura
– D. M. Lloyd-Jones
Descobrindo a vontade de Deus – S. Ferguson
Deus conosco – D. A Carson
Deus e cosmos – J. Byl
Deus e o mal – W. Fitch
Deus o Espírito Santo (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Deus o Pai, Deus o Filho (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Discernindo os tempos (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
D. Martyn Lloyd-Jones: Cartas 1919-1981
Do temor à fé – D. M. Lloyd-Jones

Ensino sobre o cristianismo ("As Institutas", um resumo) – J. P. Wiles
Efésios, Vols. 1-8 – D. M. Lloyd-Jones
Epístolas pastorais, As – G. B. Wilson
Evangelho de Deus (bro e enc) – D. M. Lloyd-Jones
Evangelização teocêntrica – R. B. Kuiper
Fé: dom de Deus – T. Wells
Filipenses, Vols. 1,2 (bro e enc) – D. M. Lloyd-Jones
Genuína experiência espiritual, A – J. Edwards
George Whitefield (bro. e enc.) – A. A. Dallimore
Glória de Cristo, A – J. Owen
Guia seguro para o céu, Um – J. Alleine
Herdeiros com Cristo – J. R. Beeke
História das doutrinas cristãs, A – L. Berkhof
Homens, mulheres e autoridade – Ed. B. Edwards
Jamais me tornarei cristão – P. Jeffery
João, capítulo 17, Vols. 1-4 – D. M. Lloyd-Jones
Jornada para o inferno – João Bunyan
Lições aos meus alunos (Vols. 1,2,3) – C. H. Spurgeon
Mensagem de Amos, A – M. K. Bussey
Mensagem para hoje – D. M. Lloyd-Jones
Ministério ideal, Um (Vols. 1,2) – C. H. Spurgeon
Novo céu e uma nova terra, Um – A. Hughes
Pastor aprovado, O – R. Baxter
Paixão pela pureza – J. R. Beeke
Pecado é coisa séria!, O – R. Venning
Pensando espiritualmente – J. Owen
Por que Deus permite a guerra? – D. M. Lloyd-Jones
Por que prosperam os ímpios? – D. M. Lloyd-Jones
Por quem Cristo morreu? – J. Owen
Pregando Cristo – E. Andrews

Puritanos e a conversão, Os – S. Bolton, M. Vincent, T. Watso
Puritanos: suas origens e seus sucessores, Os (bro e enc)
– D. M. Lloyd-Jones
Quatro dimensões da evangelização – O Thomas
Quase Cristão, O – G. Whitefield
Quem foram os Puritanos? – E. Hulse
Raízes de uma fé autêntica, As – W. Guthrie
Romanos, Vols. 1-14 (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Romanos – G. B. Wilson
Se Deus quiser – J. Flavel
Segunda epístola de Pedro – D. M. Lloyd-Jones
Seja Cristo engrandecido – J. H. M.d'Aubigné
Senhor nosso Pastor, O – J. D. MacMillan
Sermões de Robert Murray McCheyne
Sermões do ano de avivamento – C. H. Spurgeon
Sermões evangelísticos, N. T. – D. M. Lloyd-Jones
Sermões evangelísticos, V. T. – D. M. Lloyd-Jones
Sermões natalinos – D. M. Lloyd-Jones
Sermões sobre a salvação – C. H. Spurgeon
Sinais dos apóstolos – W. Chantry
Somente pela graça – A. Booth
Spurgeon, biografia (bro. e enc.) – A. A. Dallimore
Spurgeon que foi esquecido, O – I. H. Murray
Spurgeon versus hipercalvinismo – I. H. Murray
Tentação, A / A mortificação do pecado – J. Owen
Tocha dos puritanos, A – J. Beeke
Verdadeira felicidade, A – D. M. Lloyd-Jones
Verdade para todos os tempos, A – J. Calvino
Vida de Deus na alma do homem, A – H. Scougal
Vivendo com o Deus vivo – G. Smeaton e J. Owen

A Situação **CRÍTICA** do **HOMEM** e o **PODER** de **DEUS**

"Devemos despertar-nos e voltar a compreender que, apesar de o nosso evangelho ser eterno e imutável, não obstante é sempre contemporâneo. Devemos enfrentar a presente situação e temos que dizer ao mundo uma palavra que ninguém mais pode dizer."

Martyn Lloyd-Jones

"O que temos nestas cinco exposições é o evangelho explicado com grande clareza e esperança. Hoje mesmo eu usei estes capítulos atemporais com um amigo não cristão que está procurando entender o cristianismo. Recomendo estas mensagens a você."

Mark Dever, pastor da Capitol Hill Baptist Church
Washington, DC

A pregação de Martyn Lloyd-Jones sempre deu ênfase à luta desesperadora do homem e ao poder de Deus para salvação. Ele pregava com cristalina clareza sobre a soberania de Deus na salvação dos pecadores, conceito que não é bem recebido em nossos dias de pragmatismo e de programas e livros de autoajuda. Não obstante, sua pregação continua tocando o cerne do que o mundo precisa ouvir. Baseado em Romanos, capítulo 1, este livro maravilhoso ajudará você a entender o que é o evangelho. Visto que vivemos num mundo que parece evolar-se fora de controle, você vai querer ouvir mais e mais esta mensagem.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones (1899-1981) nasceu em Gales, e, quando tinha vinte e sete anos de idade, renunciou a uma carreira médica muito promissora para ser pregador. Quando for escrita a história espiritual do século vinte, incluirá, não somente a influência amplamente abrangente do ministério do Dr. Lloyd-Jones na Capela de Westminster, em Londres, de 1938 a 1968, mas também o fato extraordinário de que os seus livros de sermões expositivos publicados já tiveram uma circulação sem precedentes e já venderam milhões de exemplares.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14 -17
01041-000 – São Paulo – SP